

ROSILANE DA SILVA BRITO

**A FUNÇÃO DA ILUSTRAÇÃO COMO NARRATIVA VISUAL  
NA SALA DE AULA**

Brasília/DF  
2013

ROSILANE DA SILVA BRITO

**A FUNÇÃO DA ILUSTRAÇÃO COMO NARRATIVA VISUAL  
NA SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão do Curso em Artes Plásticas, Habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lisa Minari Hargreaves.

Brasília/DF  
2013

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu querido Deus que na Sua Infinita Misericórdia me concedeu a benção de concluir esse belíssimo curso.

À minha mãe Graça Brito pelas suas orações, incentivo e compreensão na trajetória do curso.

Às minhas irmãs Rosiane e Rejane e ao meu irmão Gildeon - sempre dispostos no apoio e que sobretudo me incentivam com seus talentos artísticos.

Ao meu amado Julio Cesar, especial presente de Deus, pelo carinho, apoio e incentivo para o meu melhor.

À minha querida orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Lisa Minari, que com sua ternura, sensibilidade e profissionalismo me ensinou que o sabor da conquista é muito melhor quando fazemos algo com o coração.

Ao ilustre Prof<sup>o</sup>. Me. Luiz Carlos, que me ajudou a desbravar inicialmente o tema deste trabalho e com sua sensatez e liderança situacional transparece grande sabedoria na sua atuação de trabalho.

Aos demais doutores, mestres, servidores da UnB pelas experiências transmitidas ao longo desse período, que certamente contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal.

Aos ilustradores entrevistados, profissionais da Biblioteca Demonstrativa, ao corpo docente e discente do Centro Educacional Gisno, em especial ao professor Magno, professora Maria Helena e aos alunos do Educação de Jovens e Adultos - EJA pelo aprendizado e ricas partilhas.

Aos artistas, amigos de longe, amigos de perto, do Nordeste, do Centro-Oeste, religiosos, ecetistas, todos que encontrei no caminho e que não citei aqui pontualmente, mas que recebem minha gratidão e carinho pela torcida para a conclusão de mais uma etapa.

**Meu muito obrigada.**

*“A escrita é para os leitores o que as figuras são para aqueles que não podem ler”.*

Papa Gregório



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DA ILUSTRAÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>3 A EXPOSIÇÃO “ILUSTRAÇÃO - A ARTE NOS LIVROS” .....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 A função das ilustrações no contexto da exposição .....</b>	<b>14</b>
<b>3.2 Ilustradores e ilustrações .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2.1 Carlos Araújo .....</b>	<b>18</b>
<b>3.2.2 Fernando Lopes .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2.3 Jô Oliveira .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2.4 Luda Lima .....</b>	<b>24</b>
<b>3.2.5 Romont Willy .....</b>	<b>26</b>
<b>3.3 Abordagem das entrevistas .....</b>	<b>28</b>
<b>4 REALIZAÇÃO DE OFICINA - PRÁTICA EM SALA DE AULA .....</b>	<b>37</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro da entrevista com a coordenação da exposição</b> <b>“Ilustração – a arte nos livros” . .....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE B – Roteiro da entrevista com os ilustradores da exposição. ....</b>	<b>58</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXO A - Material referencial da Exposição Ilustração "A arte nos livros". ..</b>	<b>60</b>

## LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Botijos, de Carlos Araújo	18
Figura 2: Contato, de Carlos Araújo	19
Figura 3: Evolução do Trabalho, de Carlos Araújo	19
Figura 4: O livro do amor, de Fernando Lopes	20
Figura 5: O gato de botas, de Fernando Lopes	20
Figura 6: Galileu leu, de Fernando Lopes	21
Figura 7: O Pavão Misterioso, de Jô Oliveira	22
Figura 8: O Rei do Baião do Nordeste para o mundo, de Jô Oliveira	23
Figura 9: Selos, XI Exposição Filatélica Luso-Brasileira, de Jô Oliveira	23
Figura 10: O coelho e o jabuti, de Jô Oliveira	24
Figura 11: Português. Um língua brasileira, de Luda Lima	25
Figura 12: Gaveta de bolso, de Luda Lima	25
Figura 13: O mergulho, de Luda Lima	26
Figura 14: A História Estranha de Eduardo Peçanha(1), de Romont Willy	26
Figura 15: A História Estranha de Eduardo Peçanha(2), de Romont Willy	27
Figura 16: A Casa das 10 furunfunfelhas, de Romont Willy	28
Figura 17: Capa do livro - A História Estranha de Eduardo Peçanha	41
Figura 18: Produção coletiva, Grupo I, 8º ano - EJA/GISNO	46
Figura 19: Produção coletiva, Grupo II, 8º ano - EJA/GISNO	47
Figura 20: Produção coletiva , Grupo III, 8º ano - EJA/GISNO	48
Figura 21: Produção coletiva, Grupo IV, 8º ano - EJA/GISNO	49

## RESUMO

Tendo por base a contextualização de teórico que fundamenta a função da ilustração como narrativa visual na sala de aula, busquei explorar tal temática, conforme experiência vivenciada na Exposição Ilustração “A arte nos livros”, realizada no mês de abril/2013, na cidade de Brasília/DF. Por meio de entrevistas aos profissionais relacionados à exposição, destacadamente os ilustradores Carlos Araújo, Fernando Lopes, Jô Oliveira, Luda Lima e Romont Willy, pude confirmar a variedade de técnicas de arte que aprecio e são exploradas de forma mista para a produção de uma narrativa visual, vista neste trabalho como ilustração. Em abordagem teórica, cito Camargo que destacou vários pontos de contato entre as funções da ilustração que podem ter dentro de um livro e as funções da linguagem de Jakobson. E destaco ainda afirmações de Alberto Manguel em seu livro "Lendo Imagens", acerca da imagem como narrativa. A própria contextualização da história da ilustração apresentada na exposição e as entrevistas realizadas com ilustradores, permitiu-me identificar a associação de elementos da linguagem visual utilizados para comunicar, esteticamente, sentido e significados, tendo correlação com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, que inclusive permeia de forma direta e indireta em todos os programas de séries de ensino voltados para artes plásticas. E, como resultado dessa reflexão, procuro colocar em prática e abordo, por último, a experiência de oficina realizada em turma do 8º ano do Ensino Fundamental de Educação de Jovens e Adultos - EJA no Centro Educacional Gisno, em Brasília/DF, ancorada na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa que corrobora as abordagens teóricas apresentadas quanto ao reconhecimento, entendimento e fruição de produção visual sobretudo sua função, como será possível constatar no desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: ilustração. narrativa visual. sala de aula.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito abordar a função da ilustração como narrativa visual na sala de aula, a partir de experiência vivenciada na Exposição Ilustração “A arte nos livros”, realizada no âmbito da Biblioteca Demonstrativa “Maria da Conceição Moreira Salles”, no período de 16/04 a 29/06/2013, na cidade de Brasília/DF, cujo trabalho mostra a trajetória da ilustração em Brasília pelos nomes de Carlos Araújo, Fernando Lopes, Jô Oliveira, Luda Lima e Romont Willy.

A partir da contextualização dos conceitos inerentes e das teorias da arte que fundamentam a associação do trabalho, busquei correlacionar o teórico ao prático vivenciado na Exposição Ilustração “A arte nos livros”, a partir da participação, conforme programação do evento, visitas *in loco* e de entrevista com perguntas abertas à coordenação da exposição, como também aos ilustradores, no sentido de captar o material que embasou o trabalho. Tal temática foi também objeto de estudo da oficina realizada em turma do 8º ano do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos - EJA no Centro Educacional Gisno, em Brasília/DF.

A motivação para a realização deste trabalho partiu do conhecimento adquirido sobre ilustração, notadamente na trajetória acadêmica do curso de licenciatura em artes plásticas, cujo campo de atuação é bastante diversificado, como também explora as mais diversas técnicas de arte. Por considerar também a proximidade com o trabalho de desenhos de humor, caricatura e quadrinhos que permite maior possibilidade de exploração e produção naquilo que mais aprecio no campo artístico. Destaco ainda o meu contato na infância com publicações do Ziraldo, como a revista Pererê com seus bichos heróis que são figuras clássicas da lenda brasileira adicionado a outras experiências, que me influenciou na escolha deste tema.

No contexto da educação em artes plásticas, o contributo potencial que visualizo é a utilização de imagens em livros de forma metalinguística na sala de aula, uma vez que funciona como instrumento no sentido de situar o aluno no contexto literário por meio da representação de imagens. E, assim pontuar as

facilidades provenientes do trabalho de ilustração - tão rico e presente nos dias de hoje no contexto da produção artística e literária.

Para isso, será apresentado um panorama sobre o histórico da ilustração, seu surgimento e transformação abordada naquela exposição, bem como lançarei um olhar a partir da visão dos ilustradores com foco nas ilustrações alvo da exposição, assim como refletirei sobre a produção de imagens criadas por alunos, tendo por pilar a proposta presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN que, por sua vez, busca uma melhor compreensão da relevância da imagem na sala de aula.

A importância deste estudo justifica-se, pois especificamente quanto se aborda a ilustração no livro - narrativa visual, visto como o foco da exposição, vamos perceber que o tema é relevante e situa-se presente em campos de ensino que dialogam constantemente com a arte, tais como comunicação, educação e literatura, transparecendo assim a prática interdisciplinar tão valorizada pelo ensino contemporâneo. Além de que essa temática tem sido explorada no meio acadêmico, por considerar de modo relevante que inúmeros ilustradores saem do curso de licenciatura em artes plásticas, e habilitados para atuar em sala de aula, inserem-se como instrumento no processo pedagógico de artes plásticas.

## 2 BREVE PANORAMA DA HISTÓRIA DA ILUSTRAÇÃO

A ilustração editorial desenvolveu-se por meios mecânicos, fotomecânicos e, mais recentemente por meio digitais, como os recursos da computação e das novas tecnologias da editoração eletrônica, cuja origem remete às iluminuras<sup>1</sup> amplamente utilizadas nos manuscritos da Idade Média. Hoje os programas de ilustração e aplicativos disponíveis para tratamento de imagens estão à disposição dos profissionais da produção editorial.

No Egito faraônico, a ilustração de texto ficou voltada exclusivamente às obras religiosas, notadamente no chamado Livro dos Mortos, título cunhado em 1842 por Richard Lepsius, no sentido de que a verdadeira orientação no mundo dos mortos ficaria por conta das imagens, em que se inclui as chamadas vinhetas, ilustrações que os egiptólogos vinculavam estreitamente ao texto por sua eficácia "prática", para assim auxiliar o morto no reconhecimento de locais, deuses e outros personagens no percurso para a vida eterna. A reprodução desse livro ocorreu de forma ampla a partir de meados do século XVI a. C.

A interação texto-imagem, alheia à relação com cópia só foi retomada em grande escala a partir do século VI, substancialmente sob a motivação religiosa, no entanto em suporte diverso, destacando-se, assim, o pergaminho no interior dos conventos. Naquela época, o hoje chamado ilustrador, era conhecido por iluminador e extrapolava o âmbito da decoração, visto que as ilustrações utilizadas até então tinha um caráter da composição das imagens no sentido de adornar ou ilustrar o texto. Desse modo, já prenunciava a tarefa de estudo de imagens propícias para determinado texto, que até então era própria do trabalho do atual iconógrafo. Do latim *illuminar*, 'esclarecer, adornar, realçar, enriquecer, fazer sobressair, revelar, mostrar', donde *illuminatio*, 'ação de esclarecer', e *iluminator*, 'o que esclarece'.

No sentido grego, assim pelo menos desde o século IV a.C., o iconógrafo (*eikonographos*) era o próprio retratista ou pintor de 'imagens', o que correspondia ao que hoje chamamos de ilustrador, i.e., o profissional que examina atentamente o original e o traduz, em passagens significativas, através de imagens. Na atualidade, porém,

---

1 Iluminuras: ilustrações sobre o pergaminho de livros manuscritos. Arte de ornar um texto, página, letra capitular com desenhos, arabescos, miniaturas, grafismos diversos. HOUAISS, Antonio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, RJ: Objetiva, 2001.

entende-se que o ilustrador faz, executa, as imagens para o livro, enquanto o iconógrafo estuda e seleciona as ilustrações adequadas ao livro, provindas das mais diversas fontes, e.g., pintura, escultura, glífica, cartografia, gravura, fotografia. (ARAÚJO, 2008, p. 444).

É válido pontuar sobre a instrução pictórica, tarefa precisamente dada às artes visuais pela Igreja Cristã, visando evitar a idolatria. Nesse contexto, podemos citar o famoso pronunciamento do Papa Gregório, no começo da Idade Média: "*A escrita é para os leitores o que as figuras são para aqueles que não podem ler*". Assim, constatamos que a imagem tinha sido usada para instrução, em período anterior ao desenvolvimento da narrativa sequencial.

Sob a ótica da ilustração impressa, o livro impresso tornou-se um fato irreversível, e a arte da ilustração certamente acompanhou a transformação suscitada por esse suporte de escrita. Nesse contexto, abriram-se novas possibilidades para trabalhar, às quais podemos citar: a ilustração diminuiu de tamanho, passando a se adequar ao formato dos livros, com destaque para as edições de bolso; os ilustradores tiveram de adaptar o estilo de imagem à grande variedade de estilos e caracteres; inclusão da colaboração do autor vivo e o ilustrador, de modo que se abandonou o simbolismo religioso e o código iconográfico, às quais eram predominantes na tradição manuscrita; e, por fim, notou-se a criação de técnicas de reprodução iconográficas adequadas ao livro impresso, como a xilogravura, o talho-doce, a litografia e a fotografia.

Assim, a divulgação ocorreu por meio da página impressa que, por sua vez, motivou o surgimento de processos de composição e sobretudo de impressão em grande escala. Vale frisar que a fotografia e os processos fotográficos, foram responsáveis pelas mudanças notáveis nos hábitos e no conhecimento visual. Somente na década de 80 a ilustração ganhou espaço e passou a ser difundida no Brasil, e consolidou-se como recurso visual que se ampliou e não se restringiu a uma simples função de adornar um texto. Logo, o livro recebeu um tratamento gráfico revelando maior preocupação com o estético e o trabalho do ilustrador ganhou outro viés e começou a ser reconhecido.

As técnicas utilizadas são bastantes diversificadas, tais como: acrílica sobre tela, óleo sobre madeira, xilogravura, fotografia, escultura e desenho digital, concorrendo por procedimentos, materiais e poéticas próprias, sendo que por vezes

o artista utiliza técnica mista para chegar a um produto final que corresponde a uma das características da arte contemporânea. E, então o resultado pode ser um pintura original, escultura ou até uma impressão em *Fine Art*.



### 3 A EXPOSIÇÃO “ILUSTRAÇÃO - A ARTE NOS LIVROS”

A Biblioteca Demonstrativa Maria da Conceição Moreira Salles – Fundação Biblioteca Nacional atua como modelo de biblioteca para instituições e centro de atividades culturais, o que incluiu no seu programa de 2013 a comemoração do mês do livro enfocando a importância da ilustração na composição do livro, integrando o Projeto “Aniversários Célebres” do mês de abril/2013 dessa Biblioteca.

O objetivo da exposição foi promover o mês do livro enfocando o papel e a importância da ilustração na composição literária, incentivar a leitura e reflexão sobre a produção mundial e brasileira, e estimular a frequência de leitores à Biblioteca Demonstrativa, por meio de palestras, debates e exposição comemorativa na perspectiva do que uma biblioteca pública pode e deve oferecer. Assim, a ação justifica-se pela missão da biblioteca que, ao promover palestras, debates e exposições, reforça o papel contemporâneo da biblioteca pública. A exposição é um vislumbre do panorama do uso da ilustração na edição de livros no mundo e no Brasil. Trouxe também uma pequena amostra de diagramação de imagens nos livros.

Segue programação:

- **15/4:** 19:30h – Abertura da Exposição "Ilustração - a arte nos livros";
- **19/4:** 12:30h às 13:30h – Mesa de ilustradores, com os convidados Walter Lara, Luda Lima, Calos Araújo e Fernando Lopes;
- **20/4:** 19:00h às 20:30h – Lançamento do livro "Uma avezinha quase gente", de Tânia Peixoto, com presença da autora e do ilustrador Walter Lara e apoio da Editora Franco e da Casa de Autores;
- **23/4:** 12:30h às 13:30h – Terça Literária com André Panizza e André Aires - “Rubem Braga e a crônica brasileira”; e
- **26 e 27/4:** 20:00h às 8:00h – Noite Encantada - Super-heróis por uma noite - para crianças e jovens de 7 a 12 anos.

Percebi sobremaneira que a programação da exposição estava voltada para a ilustração na literatura infantil, por considerar o lançamento do livro “Uma

avezinha quase gente” e a “Noite Encantada – Super-heróis por uma noite”, momento voltado para crianças de 7 a 12 anos, além das ilustrações disponibilizadas nos painéis da exposição, embora o público alvo da exposição tenha sido estendido a todas as faixas etárias.

### 3.1 A função das ilustrações no contexto da exposição

Para definir a função, o ponto de partida é a definição de ilustração no contexto deste trabalho. No âmbito da exposição em estudo por estar voltada sobremaneira para a imagem no texto literário infanto-juvenil, faz-se necessária um olhar diferenciado para a representação da leitura do texto no que tange à prática e ao ensino.

Assim, a imagem pode ser abordada a partir de perspectivas diferentes, tanto da ótica de quem a observa, ou de quem a produz, de uma posição sensível aberta a uma experiência estética, ou a partir de um olhar analítico que teoriza o que vê. Podemos então pensá-la de modo que compreendamos melhor como interagir sensivelmente com ela, ampliando o nosso olhar, mas também podemos analisá-la estruturalmente.

Devido à diversidade presente na ilustração, seja pela técnica, como pela função, no âmbito da educação também reflete de tudo um pouco, para então reconhecer sua estrutura que concorra para uma efetiva produção de conhecimento. As relações em análise são determinadas, por ligação com desenhos de traçado infantil, criação de personagens até reprodução de obras (p. ex. pinturas, esculturas), uma vez que o ilustrador no processo imagético, conta com um banco de imagens que facilite a condução a um trabalho específico.

Definição da palavra ilustração segundo Michaelis:

**ilustração** sf (do latim *illustratione*)

1 Ato ou efeito de ilustrar. 2 Esclarecimento, explicação. 3 Breve narrativa, verídica ou imaginária, com que se realça e enfatiza algum ensinamento. 4 Conjunto pessoal de conhecimentos históricos, científicos, artísticos e etc. 5 Publicação periódica com estampas. 6 Desenho, gravura ou imagem que acompanha o texto de livro, jornal, revista etc., ilustrando-o. I. divina: inspiração.

E a definição de Aurélio Buarque de Holanda:

**ilustração** sf (do latim *illustratione*)

1 Ato ou efeito de ilustrar. 2 Conjunto de conhecimentos; saber; homem de notável ilustração. 3 Imagem ou figura de qualquer natureza com que se orna ou elucida o texto de livros, folhetos e periódicos. 4 Filos. V. Filosofia das luzes.

Diante da ideia acima exposta que se faz da ilustração como explicação ou ornamento remete-nos ao sentido literal da palavra, podendo-nos levar a pensar que sua função seria limitada e restrita, denotando um valor irrisório frente ao papel que realmente assume, inclusive na sala de aula.

Nesse contexto, vale destacar que a ilustração dirigida ao público infantil, tem uma linguagem de acesso mais imediato e auxilia o leitor mirim na interação com a palavra, sendo que nessas duas linguagens, percebe-se que na ilustração, geralmente, predomina o figurativo, que remete a figuras oriundas sobretudo do imaginário e facilita a conexão com o mundo e elabora redes interpretativas.

As imagens utilizadas solidificam sua posição como parte integrante nas diferentes manifestações da linguagem visual e possui características próprias e tem todo um sentido. Percebo que a diversidade das manifestações artísticas que se interagem e se interrelacionam torna a expressão muito rica, uma vez que a ilustração parte do contexto da história da arte, de modo que não caberia uma classificação de primeira e segunda arte, ou ainda arte maior e menor.

A ilustração convive e faz parte do contexto da história da arte. Ela é um objeto de reprodução e está inserida em uma indústria cultural. Interrelaciona-se com outras linguagens, transita em um espaço multifacetado. Dialoga com o verbal, mas pode utilizar recursos advindos do cinema, da pintura, dos quadrinhos. Pertence a um período em que diferentes manifestações artísticas interagem, se interpenetram. (MOKARZEI, 1997, p.8 apud NANNINI, 2007, p. 56).

O ilustrador, de modo geral, imprime, soma, sugere e acrescenta a um texto a sua maneira especial de olhar o mundo. Tendo como referência o discurso dos ilustradores e da equipe de coordenação da exposição, é possível afirmar que a imagem tida nessa análise como a ilustração desempenha um papel importante no aprendizado e na formação de fruidores da linguagem visual. Quando da abordagem de imagens, é essencial o desenvolvimento da compreensão das mais diversas

linguagens de forma analítica e crítica e, por sua vez, munição e fundamento para suas leituras e interpretações.

Nesse contexto, Manguel (2001) aborda a imagem como narrativa, no sentido de que toda imagem tem uma história para contar.

Formalmente, as narrativas existem no tempo, e as imagens, no espaço. Durante a Idade Média, um único painel pintado poderia representar uma sequência narrativa, incorporando o fluxo do tempo nos limites de um quadro espacial, como ocorre nas modernas histórias em quadrinhos. Com o desenvolvimento da perspectiva, na Renascença, os quadros se congelam em um instante único: o momento da visão tal como percebida do ponto de vista do espectador. (MANGUEL, 2001, p. 24).

A seguir, as funções que a ilustração podem assumir cuja existência é dependente e funcionam como expressão, virtudes, forças, entre outras circunstâncias e variam em intensidade. Camargo destacou que há vários pontos de contato entre as funções da ilustração que podem ter dentro de um livro e as funções da linguagem de Jakobson.

1. **Pontuação:** ilustração pontua o texto, destaca aspectos ou assinala seu início e seu término – vinheta, capitular, cabeção.
2. **Função Descritiva:** ilustração descreve cenários, personagens, animais, etc... É predominante nos livros informativos e didáticos.
3. **Função Narrativa:** ilustração mostra uma ação, uma cena, conta uma história.
4. **Função Simbólica:** representa uma idéia. Caráter metafórico.
5. **Função Expressiva / Ética:** ilustração expressa emoções através da postura, gestos e expressões faciais das personagens e dos próprios elementos plásticos. Ilustração também expressa valores pessoais do ilustrador e outros mais abrangentes, de caráter social e cultural.
6. **Função Estética:** ilustração chama a atenção para a maneira como foi realizada, para a linguagem visual. Importa o gesto, a mancha, a sobreposição de pinceladas, as transparências, a luz, o brilho e o enquadramento.
7. **Função Lúdica:** ludicidade está presente no que foi representado e na própria maneira de representar. A ilustração pode se transformar em jogo; quando ocorre no livro todo: gênero híbrido – livro-jogo ou livro-brinquedo.
8. **Função Metalingüística:** metalinguagem é a linguagem que fala da linguagem. (CAMARGO, 1995, p.38 apud NANNINI, 2007, p. 57).

A partir do estudo da função das imagens no contexto de uma exposição sobre ilustração, verificou-se que a ilustração apresenta funções a partir do papel

desempenhado por elas no livro. E essa classificação ocorre levando em consideração a estrutura do texto, de tal modo que pode atuar como um enigma a ser desvendado, assim como revela a interação entre as linguagens. Todavia, a ilustração nem sempre antecipa significados propostos pela palavra e pode apresentar-se ao leitor como um desafio, cuja revelação implica no relacionamento com a palavra. Na análise das imagens do presente trabalho sobressai-se a função narrativa e descritiva.

Diante do crescente desenvolvimento dos meios de reprodução da imagem, hoje o contato com as obras de arte não se restringe aos museus e galerias. Elas estão reproduzidas em livros, revistas, na internet, estampadas em camisetas, produtos. Somos bombardeados diariamente com várias imagens, de modo que pela sua diversidade, apreciamos de modo sincrônico, isto é, “ao mesmo tempo”, e mesmo sem saber o contexto em que foi criada, somos capazes de interpretá-las, com impressões, significados, funções.

Ainda neste sentido, Manguel (2001) pontua:

Com o correr do tempo, podemos ver mais ou menos coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, associar e combinar outras imagens, emprestar-lhe palavras para contar o que vemos, mas em si mesma, uma imagem existe no espaço em que ocupa, independente do tempo que reservamos para contemplá-la. (MANGUEL, 2001, p. 25).

E acrescenta:

(...) A leitura de textos imagéticos depende da bagagem cultural que acumulamos, posto que vivenciamos diversas experiências em nosso cotidiano e essas são carregadas de significado e geralmente evocam outras imagens que temos guardadas. Assim, construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho. Nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir a sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa. (MANGUEL, 2001, p. 28).

E são nesses processos de articulação de imagens com narrativas que somos exigidos de modo constante para elaborar ideias e imaginar, tendo por base os frutos das nossas relações de experiências individuais e coletivas com o outro, com o ambiente e a natureza, tecendo, assim, nossas reflexões.

## 3.2 Ilustradores e ilustrações

### 3.2.1 Carlos Araújo

Atuou como designer gráfico e decidiu focar seu trabalho em ilustração, partindo da sua necessidade de se expressar de modo visual e artístico. É referência no mercado brasileiro, membro da Sociedade dos Ilustradores do Brasil (SIB), já teve vários trabalhos reconhecidos no âmbito nacional e internacional, sendo que já foi selecionado duas vezes para a lista *200 Best Illustrators Worldwide*, em 2009 e 2011, publicada pela Luerzer Archives. Também é um dos organizadores do Rabiscão Ilustrado, encontro tradicional de ilustradores de Brasília/DF.

A figura 1: Botijos, ilustra pessoas dançando de mãos dadas, para transmitir uma ideia de ritmo, de uma dança porque a base dessa ilustração é um verso chamado *O Ballet de Las Bodijas*. Tem a imagem de uma senhora gordinha dançando com suas filhas, para ilustrar o trava línguas em espanhol (utilizado para um livro da língua espanhola).

Quanto à figura 2: Contato, ilustra um fazendeiro. O texto base aborda as tecnologias da comunicação que aproximam lugares distantes, neste caso, o campo e a cidade. Há uma narrativa - o personagem telefonando da sua fazendinha de abóboras para uma pessoa que está na cidade fazendo compras. Já na figura 3: Evolução do Trabalho, há um ritmo nos desafios vivenciado hoje por profissionais e a imagem leva-nos a refletir sobre essa evolução.



Figura 1: Botijos, de Carlos Araújo



Figura 2: Contato, de Carlos Araújo



Figura 3: Evolução do Trabalho, de Carlos Araújo

### **3.2.2 Fernando Lopes**

Sua inspiração foi o primeiro caderno de desenho que ganhou quando tinha nove anos de idade e tem guardado até hoje. Concluiu bacharelado e licenciatura em Artes Plásticas na Universidade de Brasília - UnB. Criou várias séries de selos para a Empresa Brasileira de Correios e Telegráfos - ECT. Já ilustrou



revistas, jornais e livros como *freelancer*. Atuou com ilustrações médicas durante 10 anos, sendo que ao total são mais de 30 anos que se dedica à ilustração. Atualmente, trabalha no Correio Braziliense e atua como ilustrador autônomo. Seu tema da monografia do bacharelado em Artes Plásticas foi sobre o conflito entre artes e ilustração e na licenciatura abordou um curso de Ilustração.

A figura 4, foi uma encomenda de uma capa de livro, chamado "O livro do amor", mostrando um trabalho com rostos múltiplos. Considera o trabalho - mistura de cubismo, surrealismo e impressionismo - e as figuras 5 e 6, foram ilustrações voltadas para livro infantil.



Figura 4: O livro do amor, de Fernando Lopes



Figura 5: O gato de botas, de Fernando Lopes



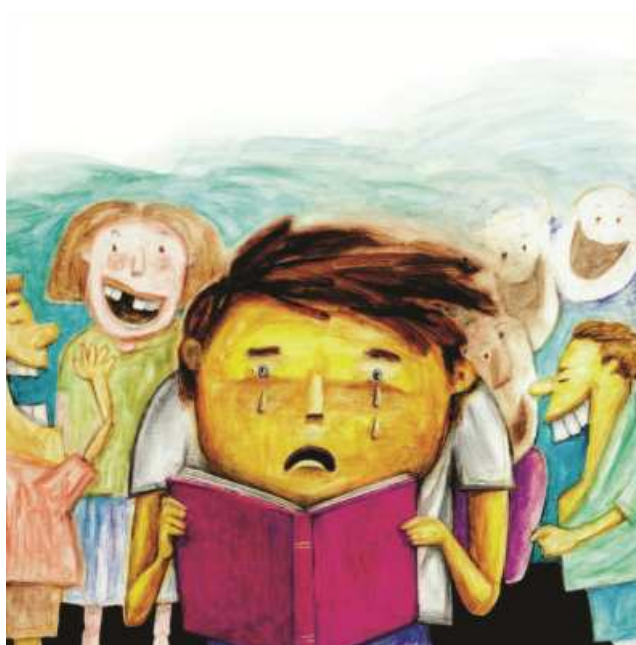


Figura 6: Galileu leu, de Fernando Lopes

### 3.2.3 Jô Oliveira

É natural de Pernambuco. No Rio de Janeiro, estudou Belas Artes, Artes Gráficas e depois foi para Hungria onde estudou publicação visual (artes gráficas) e muita ilustração. Chegou a ministrar aulas na UnB como professor substituto no curso de Artes Plásticas. Sobre a inspiração do seu trabalho, foi atraído pelas capas da literatura de cordel, pelas narrativas e pelas percepções visuais em geral, como também pelo cinema e revistas em quadrinhos. Tinha atração por cartazes e sempre foi interessado por desenho para poder contar história. Fez vários trabalhos com selo postal, acima de 50, inclusive conta com vários prêmios internacionais. E o primeiro trabalho foi o conjunto de três selos sobre mamulengo em 1976, talvez seja um dos melhores selos que o artista Jô considera que fez até hoje.

Sobre as ilustrações apresentadas na exposição, na figura 7: O Pavão Misterioso - é uma capa de livro que conta uma história de amor. O pavão é o centro de tudo e que através do pavão, a princesa é libertada e futuramente eles se casam. Afirmou que a imagem tinha o papel de levar à conclusão que é uma história de amor que ocorre com um pássaro. Fez adaptação, a partir do cordel “O Pavão Misterioso”.

Na figura 8: O Rei do Baião do Nordeste para o mundo, Jô Oliveira teria que mostrar o próprio Rei do Baião e os símbolos da sua ocupação que era tocar. E referenciando ainda "Asa Branca", canção considerada o hino do Nordeste, além de uma alusão ao próprio Nordeste e à bandeira de Pernambuco, em homenagem ao Estado.

Quanto à figura 9: Selos, XI Exposição Filatélica Luso-Brasileira, são dois selos sobre cordéis. Atrás do selo tem toda uma narrativa. Colocou os recursos medievais, um castelo atrás com uma bandeira. Esse castelo realmente existe e a bandeira também. Para ele, parte-se de uma história ou de um fato histórico, para a composição da imagem.

Já na figura 10: O coelho e o jabuti é uma capa de um livro que conta a história da disputa entre o jabuti e o coelho, em que o jabuti é bem lento - é uma história clássica e tem vários jabutis na capa remetendo-se à corrida narrada no livro.

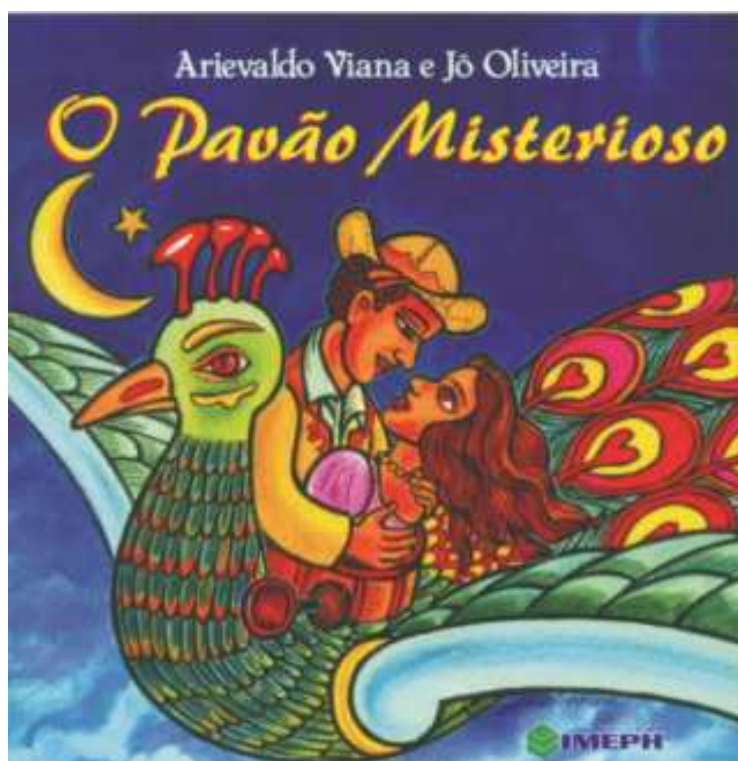


Figura 7: O Pavão Misterioso, de Jô Oliveira

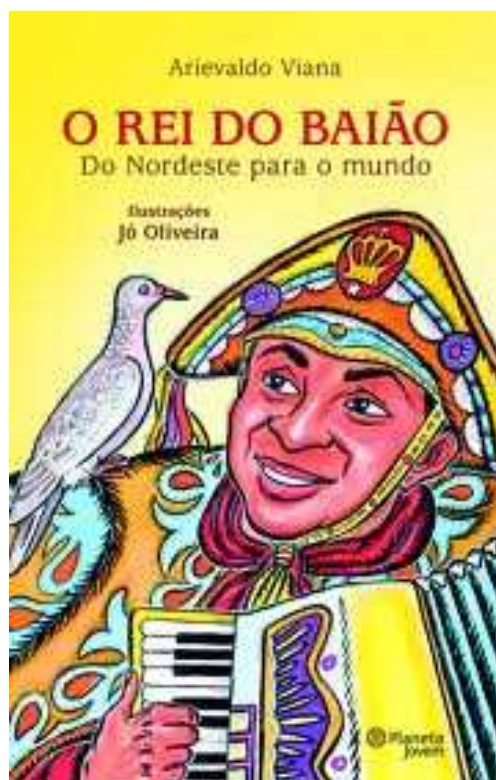


Figura 8: O Rei do Baião do Nordeste para o mundo, de Jô Oliveira



Figura 9: Selos, XI Exposição Filatélica Luso-Brasileira, de Jô Oliveira

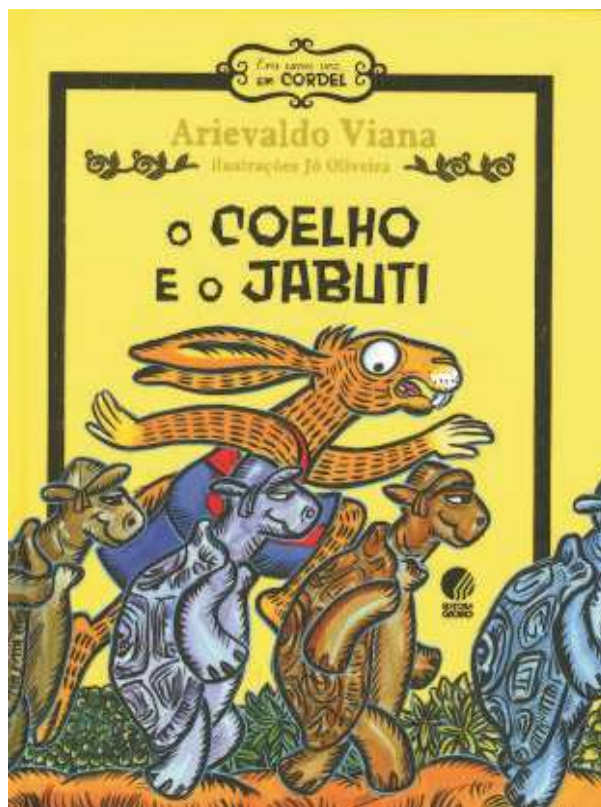


Figura 10: O coelho e o jabuti, de Jô Oliveira

### 3.2.4 Luda Lima

Começou a fazer os primeiros esboços aos 3 anos de idade e ainda pequena ingressou em curso de Artes. Formou-se em Desenho Industrial pela Universidade de Brasília. O seu primeiro trabalho como ilustradora foi no Jornal "Campus" da UnB. Fez curso de ilustração em Nova York durante seis meses e a experiência fez com que desenvolvesse seu estilo e sua linguagem como ilustradora. Já fez vários *sites* ilustrados de culinária, moda e outros. Sua técnica principal é aquarela, a qual mescla com tinta acrílica. Algo marcante no seu trabalho são corpos grandes, com braços longos e "pernonas" e cabeças "menorzinhas", um braço ali, um braço aqui, um pescoço, como frisou em entrevista. E ao longo do tempo identificou-se com esse traço, julgando mais elegante, diferente e chamativo, como uma "impressão digital".

Sobre as imagens foco da exposição, temos na figura 11, uma ilustração para um livro de português, com abordagem sobre o uso do travessão. Neste livro de português ilustrou o poema do livro "Cem dias entre o Céu e o Mar" para exemplificar o uso do travessão. Figura 12: Gaveta de bolso - é um livro de



experimentação, a menina figurada retrata o trabalho excessivo que toma conta de toda a vida da pessoa a não comportar na sua casa. Por sua vez, na figura 13: O mergulho, faz parte de um livro chamado Mergulho com um poema que falava do medo do mar e fez o desenho de um pé tremendo, coçando o caranguejo, frente à ira do mar. A ideia foi mostrar o contraste da personagem com a imagem do mar que é a ideia central do livro.



Figura 11: Português. Um língua brasileira, de Luda Lima



Figura 12: Gaveta de bolso, de Luda Lima



Figura 13: O mergulho, de Luda Lima

### 3.2.5 Romont Willy

Romont Will é autodidata. Desenha desde a infância e sempre gostou de livro de literatura infantil. Teve influências dos ilustradores Jô Oliveira e Fernando Lopes referenciados neste trabalho. Tem mais de 25 livros ilustrados em diferentes editoras. Opta por pintar manualmente, usando técnica mista.



Figura 14: A História Estranha de Eduardo Peçanha(1), de Romont Willy



Figura 15: A História Estranha de Eduardo Peçanha(2), de Romont Willy

As figuras 14 e 15 são ilustrações de um livro infanto juvenil, da editora Globo, escrito por Gilberto Lacerda que fala de figuras geométricas. Na história narrada, exatamente na figura 15, o personagem vê figura geométrica em tudo que olhava e colecionava tudo. Conforme narrativa, Romont Will no processo de criação ficou a imaginar o que um cara estranho podia colecionar. E, então colocou na ilustração borboletas vivas, chinelas do mesmo pé, relógio. O sonho do personagem seria viajar em cima de um peixe (figura 14). Para ele, a própria composição determina o caráter narrativo.

Já na figura 16 (A Casa das 10 furunfunfelhas), trata-se de ilustração utilizada num livro infantil da Editora Mundo Mirim, sob a autoria de Lenice Gomes, que fala de uma rima, sendo que a cada texto elimina-se uma menina e ao final resta uma única. O ilustrador afirmou que é necessário conhecer o texto para fazer a interpretação. Para ele a imagem são janelas que se abrem e chamam a atenção e certamente pode aprofundar a leitura do texto. No contexto literário, a função da ilustração seria ampliar, acrescentar algo ao texto. No entanto, ressaltou que os painéis da exposição, enfatizou mais o artista em si, e as ilustrações no âmbito da

exposição tiveram uma função de decoração do texto, no sentido literal, pois não havia referência da ilustração no contexto a qual foi apresentada.



Figura 16: A Casa das 10 furunfunfelhas, de Romont Willy

### 3.3 Abordagem das entrevistas

Neste tópico, explorei a trajetória profissional dos ilustradores, visando apresentar seu conhecimento sobre o campo ora em estudo. Tendo em vista as particularidades do trabalho de cada ilustrador, a formação na área de conhecimento diferem entre si e reflete de modo particular no entendimento da associação do trabalho com o ensino de artes plásticas em sala de aula. Os profissionais aqui relacionados residem em Brasília e gentilmente aceitaram o convite da biblioteca, autorizando o uso de suas ilustrações.

Em geral, sobre o tratamento da imagem, neste caso a ilustração, vale destacar o uso de programas de ilustração vetorial usado para edição e tratamento final de ilustrações e figuras como o *Adobe Illustrator* e o *Adobe Photoshop*, sendo este último mais utilizado. Também existem opções em código aberto. Esses programas servem para manipular as imagens em formato de bitmaps, que visam definir resolução e dimensões, equilibrar o brilho, a nitidez e as cores, além de que permite fusões de imagens e aplicação de efeitos especiais.



Quanto à inspiração inicial para atuar com desenho, neste caso voltado para ilustração, temos: Carlos Araújo trabalhou inicialmente na área de web design. Afirmou que entre um projeto de criação de marca e uma ilustração, começou a perceber que se interessava mais pelo desenho, a ter que elaborar uma marca, pois na ilustração percebia maior liberdade de expressão.

O despertar pelo desenho para Fernando Lopes, Luda Lima e Romont Willy iniciou desde criança e aos poucos foram definindo sua identidade de trabalho. Já para o artista Jô Oliveira, como nordestino, foi atraído pelas capas da literatura de cordel, pelo próprio cordel, narrativas e pelas percepções visuais em geral.

Sobre a técnica utilizada para a produção dos seus trabalhos, observou-se em geral que o traço inicial é feito manualmente. É válido pontuar que Carlos Araújo utiliza de forma relevante recursos do computador. Jô Oliveira desenha a lápis, depois faz alguns trechos com caneta, com tinta nanquim e utiliza o pincel para fazer traços com espessura maior. Para os demais, a técnica principal é aquarela, mesclada com tinta acrílica.

Ao serem questionados sobre o público alvo do seu trabalho, percebeu-se que não há uma definição precisa, embora sejam voltados de modo predominante para o público infantil. Ressalta-se a arte em selos, tendo em vista trabalhos já feitos por Fernando Lopes e Jô Oliveira, além de ilustrações em jornal - trabalho desenvolvido por Fernando Lopes. Por outro lado, Luda Lima e Romont Willy dedicam-se sobremaneira para encomenda editorial.

Para a divulgação do trabalho, consideram importante fazer uso das tecnologias hoje disponíveis, sendo a internet o principal veículo, conforme ponderado por Carlos Araújo. Nesse contexto, citaram: *blog* pessoal, redes sociais, sítio, grupos de ilustração, *flickr*, *e-mail*, *linkedIn*. De modo pontual, Fernando Lopes tem seu trabalho veiculado em jornal e considera paradoxal, pois ao mesmo tempo em que se dá visibilidade, no outro dia já é efêmero, ou seja, por mais que o desenho apareça imediatamente considera que ele é esquecido. E todos os dias tem os seus trabalhos publicados em jornal. Luda Lima busca a originalidade quando da confecção de cartões de visita personalizados - uso de suas ilustrações. Destaque ainda para Romont Willy que faz uso de *book trailer*, animação curta com algumas partes do livro, visando despertar o leitor para a leitura do livro.

Sobre a forma de pensar seus trabalhos e a relação existente no início da carreira com os trabalhos desenvolvidos atualmente, Carlos Araújo aborda a questão da linguagem visual. Afirmou que no início da prática de desenho fez uma lista de coisas que gostava, preza pela moda dos desenhos animados dos anos 20 e acabou incorporando a moda que começou a ser usada em 1900 - gravatinha, casaco, "bigodão". São características do seu trabalho, das suas experiências, das suas lembranças. Valoriza o uso de poucas cores e a partir dessas cores busca transmitir sensações e significados.

Quando questionado sobre a forma como pensa seu trabalho, Fernando Lopes foi incisivo em afirmar que são feitos como forma de denúncia e de reflexão. Relatou que busca integrar no seu trabalho seu lado pessoal e quer que as pessoas vejam como um pensamento, um sentimento, uma experiência de vida, e isso é arte, ou seja, integra todos os níveis - sensorial, afetivo e intelectual, conforme pontua - a arte é vivencial. Enquanto Jô Oliveira, tem o trabalho muito voltado para o cordel. Como referência nos Correios em se tratando de selos postais, Jô tem sua trajetória marcada notadamente com temas folclóricos: O Boto, A Mula sem Cabeça, entre outros. O tema infantil é abordado também nos seus trabalhos, como a cultura popular, de modo que sua ilustração é bem próxima da linguagem figurativa.

Já Luda Lima sofreu influências de mangás logo no início de sua experiência, no desejo de aprender copiava muitos mangás. Acabava buscando nas suas obras algo mais orgânico, aquarela líquida e então foi descobrindo que precisava definir seu próprio traço, de forma que é um marco de identidade - personagens com braços enormes e pernas grandes, que define "brações e pernonas". Essa questão começou aos poucos e desenvolveu mais em Nova York, buscando captar algo que sempre usa; e ainda que não seja consciente, foi vendo um braço ali, um braço aqui, um pescoço e achava aderente à sua proposta de ter algo elegante, diferente e chamativo.

Romont Willy pensa que todo trabalho tem que passar uma mensagem para alguém. Faz o livro pensando em que ele pode ser útil. Considera que o traço do seu desenho continua o mesmo desde o início, embora perceba que melhorou a forma de pintar - arte de finalização. Afirmou que pessoas quando observam seu trabalho já conseguem identificar marcas características do seu trabalho.

À luz do trabalho apresentado na exposição "Ilustração - a arte nos livros", abordaremos adiante sob a perspectiva do ato pedagógico. Nesse primeiro momento, versaremos sobre a posição dos artistas sobre como pensam a relação entre o ato pedagógico e as práticas que incentive o aluno a refletir e criar por meio de imagens.

Sob o ponto de vista de Carlos Araújo, aula interessante deve expor em *slides* de apresentação a linha do tempo da história da arte, seus movimentos e apresentar as peculiaridades e razões de cada trabalho de modo cronológico. A exemplo, cita Charles M. Schulz que foi sempre uma grande influência para seus trabalhos e isso se deveu sobremaneira pelo conhecimento adquirido no estudo da história. Destacou que observava artistas com um modo específico de desenhar, atraído portanto por desenhos que não se preocupava em reproduzir exatamente uma figura humana, como é possível ver em seus desenhos e de modo geral em ilustrações voltadas notadamente para livros infantis. Carlos é atraído pela história dos bastidores, como mesmo definiu na entrevista: *"quando você me apresenta uma pessoa de sucesso mais do que ela fez eu quero saber como ela fez, por que ela fez, como e porquê, como ela chegou ali, por quê?"*

Fernando Lopes defende que a escola deveria incentivar mais o aluno a se expressar e a refletir sobre arte. Comenta que a arte deveria ser um espaço para a pessoa falar de si mesma, de sua vida e como se sente. Nesse entendimento, afirmou que o processo criativo nasce dessa auto consciência para ter algum sentido e significado para a pessoa, logo ver o momento do ensino de artes em sala de aula com essa missão também – espaço para auto reflexão.

Ao ser questionado, Jô Oliveira discursou que a imagem estimula a leitura, além de que a imagem permite uma leitura visual para que se possa fazer interpretações. Para ele, a ilustração tem uma grande função que é despertar o interesse pela a leitura, segundo permitir que haja leituras paralelas ao texto, pois ver que a ilustração sugere mais, conforme a experiência de vida do leitor/observador.

Ponderou que o estudo da imagem é um processo de análise, que no ato de desenhar tem que se fazer uma análise para fazer um desenho sintético (p. ex.) e deve captar somente o que interessa. Isso faz com que as pessoas produzam de

modo "sintético" e "analítico", além da interpretação e isso depende da capacidade e do tempo que está disposto a dedicar-se àquela produção de imagem. E frisou que a escola deve despertar e estimular a criança para a habilidade de desenhar, tendo em vista que a imagem na escola tem uma função não somente pedagógica, mas como meio de transmitir informações e de aprimorar o gosto estético, inclusive levando a pessoa a profissionalizar-se em artes plásticas.

Luda Lima considera que deixar o aluno passivo sem participação não é interessante para o ensino de artes. Para ela tem que ter as duas vias: convidar a criar para entender o processo de criação. Ao fazer lembrança da sua trajetória como estudante, critica a forma como era abordada nas aulas de artes plásticas por docente. Afirmou que era proposto um tema e ficava uma coisa vazia. Enfim, destacou que sentia falta de uma discussão por parte da professora a esse respeito, no sentido de explicar que existem expressões. Comentou que foi entender sobre a existência de expressões e estilos diferentes só no 2º ano do ensino médio. Valoriza mostrar que cada um tem o seu jeito de trabalhar. Relatou: *“que tem que repensar a forma de trabalhar isso na escola, expor o tema, deixar os alunos livres para criar”*.

Romont Willy recordou que não teve professor que o incentivasse ao desenho, seja para produção, seja para análise. Para ele, tratando-se de narrativa visual, o professor deve mostrar gibis, histórias em quadrinhos, livros para comentar sobre o desenho e não sobre o texto. Na sua opinião, o professor tem que trabalhar o desenho como complemento do texto.

Ao analisar outra questão da entrevista, temos que a "Associação dos Designers Gráficos" considera ilustração, de modo geral, como a imagem que tem por objetivo *“corroborar ou exemplificar o conteúdo de um texto de livro, jornal, revista ou qualquer outro tipo de publicação”*. Sobre essa assertiva, os artistas pontuaram seu trabalho, como seguem: Carlos Araújo foi de acordo ao exposto. Fernando Lopes - elencou sobre aquilo que pensa da aplicabilidade da ilustração hoje - às vezes muito técnico, podendo ser definida como arte aplicada - por outro lado, muito artística, criativa, subjetiva e introspectiva. Avaliou que seu entendimento é variável e tanto pode confirmar, exemplificar, como pode também discordar do texto a qual está baseado. Para ele, a melhor interpretação seria tradução, por

perceber o seu trabalho como leitura e reinterpretação do texto por meio visual, que inclui também o trabalho de interpretação intelectual.

Jô Oliveira apontou que se imaginamos a ilustração como uma coisa maior, veremos que a ilustração está em tudo, nas coisas mais concretas, em uma demonstração para compra de um produto (um guia ilustrativo com passo a passo). Podemos considerar isso como umas das funções da ilustração, ressaltou. Mas também pode ser decorativa, que desperte a atenção sobre determinados detalhes que o texto contém, podendo ser feita de maneira primorosa e por influência de movimentos artísticos. Destaca que amplia, explica, interpreta, comunica e tem muitas funções, tanto é que quando se fala de uma pessoa ilustrada remete-se a uma pessoa que sabe muito.

Na abordagem de comentários sobre o significado e formas de leitura, como questões pontuadas na entrevista, seguem: Carlos Araújo afirmou que praticamente todos os seus trabalhos são narrativos, visto que tem um pedaço de uma história. Quanto à determinação do caráter narrativo da imagem ou a sua composição, considera que o leitor tem liberdade, visto que por vezes a imagem tem que passar uma idéia de forma sutil do texto. Como também, frisou que as ilustrações são janelas que se abrem, bem como podem ser molduras para o texto, Nos seus trabalhos coloca sua marca, opinião, a sua visão de mundo, mas deixa a imagem aberta para ser interpretada, podendo ser uma resposta ou pergunta, por exemplo.

Sobre essa questão, Fernando Lopes relatou que toda ilustração é narrativa e de certa forma corresponde a um texto, às vezes até a uma história atemporal, descreve uma ação. Nas ilustrações que produz para jornal, ressaltou que traz mais a metáfora do que o ato em si, ou seja, gosta de fazer uma imagem que não tenha propriamente uma ação acontecendo, mas sim que ela remeta a uma leitura, a uma ideia. Busca fazer um personagem que seja anônimo e aborda mais a leitura da ideia que o fato para “forçar” ao expectador/leitor a interpretar.

Fernando não afirma que é o leitor quem determina o caráter narrativo da imagem ou a sua composição, pois o vê como algo abstrato, considera que se inventa, mas pensando no outro. Relatou que em uma experiência de estágio em que mostrou o desenho que tinha a ideia da multiplicidade para os alunos e

questionou sobre o que representava - cada aluno teve uma interpretação diferente e todas as opiniões eram aceitas e certas porque a obra de arte é construída pela leitura e não existe uma leitura única, destacou que muitas vezes tem coisas que o ilustrador nem sabe e está lá. Todo este trabalho para mostrar aos alunos que somos múltiplos.

Quanto ao quesito de que ilustrações são janelas que se abrem ou molduras para o texto, acredita que uma coisa não impede a outra, afirma que a moldura até pelo fato de recortar, chamar atenção para alguma coisa, abre uma perspectiva. Concorde que a janela é uma moldura, então são as duas coisas. Classifica a função “sugerir” para as imagens de sua autoria retratada na exposição.

Jô Oliveira pontuou a importância da leitura e a interpretação de texto. Considera que o ilustrador é a primeira pessoa a ser convidada a fazer um comentário visual sobre o texto. Afirmou que não precisa especificamente seguir o texto. Precisa ser fiel, mas com certa liberdade de acrescentar a sua interpretação e procurando ser mais criativo para ajudar a leitura, pois frisou que a ilustração em partes supõe o texto. E considera que é o leitor quem determina o caráter narrativo da imagem ou a sua composição. Quanto à função da ilustração como exemplificação, Luda Lima afirmou que acaba limitando muito, comentou que participou de um curso sobre ilustração e que o professor alertou que as pessoas devem evitar sublinhar a ilustração. Por exemplo, com o tema “manifestação popular”, não cabe desenhar o óbvio, como pessoas segurando cartazes, pois o interessante da ilustração é fazer uma crítica à imagem.

Quanto à função de corroborar ou exemplificar o conteúdo, avaliou como limitador porque considera que ainda existe a discussão de subestimar o que é imagem. Declarou: *“Subestimam o valor de uma ilustração, que está em segundo plano, é o texto que vai direcionar, é o texto que tem ali importância porque é conteúdo. O jornalismo foi atrás da fonte para produzir o texto e a ilustração vai está ali pra ocupar um espaço. A ilustração é tão importante ou até mais e tem que ser definida a importância da ilustração”*.

Para Luda Lima, a imagem como narrativa depende do texto base. Para ela, a ilustração dá uma direção, mas a pessoa tem que ir além, observar. Ressaltou que ler e interpretar depende muito da vivência da pessoa e não há como determinar

se as pessoas vão seguir conforme uma proposta inicial. E para a imagem aprofundar a leitura do livro, respondeu que se deve colocar algo que não esteja literalmente acrescentado ou falado. É acrescentar exatamente a sua experiência.

Romont Willy considera que a ilustração tem vários caminhos, ele (artista) está mostrando só um dos caminhos. Desenhar para a publicidade é uma coisa, desenhar para jornal é uma exemplificação, já desenhar para um artigo e para uma revista é outra coisa, que é diferente de desenhar para um livro, ponderou. A ilustração vai reafirmar o que tem no texto ou vai complementar, relatar a diferença entre o livro ilustrado e o livro com ilustração. O primeiro, um livro com desenhos que revelam algo subtendido no texto, ou seja, o texto fala uma coisa e a imagem serve para complementar. Já no segundo, a ilustração afirma o que exatamente há no texto. Constatou que as ilustrações são janelas que se abrem e são molduras para o texto, ela desperta a curiosidade pelo fato de mostrar imagem, sugere a leitura por chamar atenção.

No que diz respeito à avaliação do papel da imagem no ensino de artes plásticas em sala de aula, Carlos Araújo avalia de grande importância. Considera-se uma pessoa que valoriza muito o visual, de tal forma que qualquer conteúdo didático que tiver uma imagem, para ele já é meio caminho andado. Na aula de artes plásticas, quanto mais imagens, melhor para ele. Inclusive afirmou que o sentido da imagem vai mudar principalmente por causa do suporte, então mudou o suporte, a imagem já vai ter outro significado. Aponta que o olhar da pessoa em uma revista quando vê desenho desperta para ler rápido um artigo, já numa exposição vai prestar mais atenção, ver os detalhes e apreciar melhor a composição justamente por causa do contexto.

Declarou: *“(...)muitas vezes o texto completa uma imagem e uma ilustração. Não dá pra entender ela, se não tiver um texto porque você tem uma dinâmica entre texto e imagem e que na hora da exposição não se tem mais. Na exposição da Biblioteca eles retiraram o texto e colocaram só as imagens, você não vê elas no suporte original, na sua página como livro e com exercícios”.*

Para Fernando Lopes, o processo do ensino de artes hoje não é usado com seu verdadeiro potencial que é o formador da capacidade de questionar o essencial da arte. Luda Lima afirmou que algo a ser considerado é que o primeiro

sentido é visual. Saliou: *“A gente aprende a escrever depois, a gente começa a enxergar primeiro, a gente vê quem é o pai e a mãe, a imagem é que vem primeiro e é universal. No livro de imagem, é interessante que você pode publicar em língua de qualquer país.”*

Por fim, Romont Willy declarou que é importante o papel da imagem no ensino de artes, uma vez que não consegue ler um livro que não tenham imagens e argumentou: *“como você vai ensinar artes plásticas sem imagem?”*



#### **4 REALIZAÇÃO DE OFICINA - PRÁTICA EM SALA DE AULA**

No sentido de aplicar atividade prática em turma do currículo regular do ensino de artes plásticas, tendo por base os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, foi realizada oficina sobre a função da ilustração como narrativa visual no Centro Educacional Gisno em Brasília/DF, no mês de novembro/2013, com turma do 8º ano do ensino fundamental EJA, cuja referência de trabalho correspondeu às imagens objeto da exposição em questão, especificamente a imagem feita por Romont Willy, do livro "A História Estranha de Eduardo Peçanha".

Optou-se por tal obra por considerar o trabalho feito manualmente pelo artista, original com técnica mista em papel A2 e ainda por situar-se pontualmente em livro infanto-juvenil, caracterizando-se imagem com função narrativa.

Em geral, é sabido que o ensino da arte em toda trajetória curricular e conforme a faixa etária dos alunos tem por objetivo ampliar as formas de ver e sentir os objetos artísticos, e em meio à exposição sobre ilustração a mediação ocorre nessa vertente. Assim, a forma como foi abordada - a função - passa dar um novo sentido ao processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo assim o aluno ao letramento em arte, visando que o aluno aprenda a dar significado aos seus objetos e, se possível, produzi-los, com base nesse conhecimento.

Essa compreensão é semelhante ao estudo de texto literário na língua portuguesa. A busca pela intertextualidade do objeto de arte (texto literário) é o que faz a diferença quando observamos à luz dos objetivos propostos para o ensino. É importante destacar sobre a conceituação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, que aborda as expectativas de aprendizagem relacionadas ao desenvolvimento de habilidades relativas à: produção - percepção, experimentação, criação, produção; fruição (apreciação) - comunicação, leitura, compreensão, análise e interpretação; e, reflexão (contextualização) - pesquisa, reflexão, crítica e autocrítica. E foi também nesses pilares que a proposta da oficina foi construída, em consonância à proposta triangular de Ana Mae Barbosa.

Com base nas ORIENTAÇÕES CURRICULARES da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal do Ensino Fundamental, temos previstos os

seguintes conteúdos e expectativas de aprendizagem, aos quais seguem transcritas e apresentam relação direta com a atividade desenvolvida em sala de aula:

**Conteúdo:** *As grandes transformações na arte a partir do século XIX aos dias atuais; as novas tendências estéticas associadas às grandes transformações sociais, científicas e tecnológicas.*

**Expectativas de aprendizagem:**

- *Conhecer e utilizar os elementos básicos da linguagem visual para realizar produções artísticas mediante a cultura estudada;*
- *Identificar, nas produções visuais, o uso dos elementos básicos da linguagem visual que são utilizados para comunicar, esteticamente, sentido e significados;*
- *Reconhecer e utilizar os procedimentos para análise, entendimento e fruição de uma produção visual.*

Com a temática "**Função da ilustração como narrativa visual**", o teor do plano de aula, segue adiante:

- **Local:** Centro Educacional Gisno (SGAN 907, Módulo A, Asa Norte, Brasília/DF).
- **Turma:** 8ª ano do ensino fundamental - Educação de Jovens e Adultos - EJA noturno.
- **Quantidade de alunos/Faixa etária:** 20 alunos/15 a 45 anos.
- **Carga horária:** 4 (quatro) aulas.
- **Objetivos gerais:**
  - Discorrer sobre a relação entre o texto escrito e a narrativa visual, identificando as características pertinentes e a relação a que está envolvida;
  - Desvendar a função poética da imagem na ilustração: “Como” os elementos foram selecionados e combinados na obra - ponto de vista do artista;
  - Analisar as produções visuais propostas, a partir das relações entre funções da ilustração e funções da linguagem defendida por teóricos.

- **Objetivos específicos:**

- Apresentar um breve histórico sobre a história da ilustração editorial e as características pertinentes;
- Exemplificar a relação entre o texto escrito e a narrativa visual, com interpretação de ilustrações alvo da exposição;
- Apresentar uma síntese da biografia de cada ilustrador, baseada nas entrevistas;
- Pontuar as análises das ilustrações feitas pelos ilustradores, baseada nas entrevistas;
- Propor atividade de produção coletiva para interpretação de ilustrações como narrativas visuais, em consonância à teoria de Camargo que destaca vários pontos de contato entre as funções da ilustração que podem ter dentro de um livro e as funções da linguagem de Jakobson; e
- Refletir sobre as produções coletivas feitas em sala de aula, considerando toda explanação feita sobre o tema e a bagagem cultural dos alunos.

▪ **Justificativa:** despertar o interesse para observação da imagem, visando melhor entendimento de narrativa a ela atrelada, correlacionando o reconhecimento e fruição de produção visual sobretudo sua função. Justifica-se também pela aderência à proposta de ensino contida nos PCN e orientações curriculares do 8º ano do ensino fundamental - EJA, conteúdo que certamente permeia pelas demais série de ensino de artes plásticas.

- **Estratégias:**

- 1ª aula: uso de slides de apresentação para contextualização sobre a temática “função da ilustração como narrativa visual”, abordagem da exposição “Ilustração - a arte nos livros”, ilustração x imagem, exemplificação de exercício de leitura de imagem, a partir de uma narrativa (ilustrações alvo da exposição em análise), citação de exemplos de "fazer coleções" da infância e de tempos atuais;
- 2ª aula: reflexão em grupo do conteúdo da 1ª aula e início da produção coletiva - motivação para recortes de revistas e colagem em papel cartão com uso livre de canetas hidrocor coloridas, para formar composição da narrativa visual proposta;

- 3ª aula: conclusão da produção coletiva;

- 4ª aula: formação de semi-círculo, leitura da narrativa proposta para a produção, apresentação das produções coletivas e questionamentos ao grupo especificamente sobre a identificação do personagem e coleções, a forma de combinação dos elementos visuais, motivação para retratar alguma experiência, situação pontual que sugeriu a composição e reflexão/avaliação. Apresentação da ilustração feita pelo artista e de todo o livro "A História Estranha de Eduardo Peçanha" com suas narrativas visuais.

- **Metodologia:** foi utilizada uma proposta de trabalho "híbrida" que contemplou a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa (contextualização, produção e apreciação) e o mapeamento documental das imagens, dos artistas e da exposição. Essa proposta surge no sentido de adotar alternativa para prática de livre expressão do ensino moderno de arte, sendo hoje a principal referência do ensino da arte no Brasil. Busca ainda englobar vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo, entre os principais estão: leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer).

- **Recursos:** papel cartão (branco, tamanho A2), revistas, tesouras, tubos de cola, régua, canetas hidrocor coloridas e lápis de cor.

- **Avaliação Processual:** discussão e reflexão coletiva sobre os temas abordados. Trabalhou-se por meio das ilustrações propostas a realidade dos alunos e sua identificação contextual.

- **Avaliação Qualitativa:** deu-se preferência à qualidade das atividades em detrimento à quantidade, tendo em vista a temática das aulas ministradas, que abordou a importância no aprimoramento de habilidades dos alunos tida como necessárias para elaboração de um tipo de produção de narrativa visual prezando pelo aspecto criativo e significativo.

▪ **Avaliação Final:** a proposta de exercício consistiu no comentário breve do livro "A História Estranha de Eduardo Peçanha" e análise específica da narrativa abaixo para produção visual coletiva (4 grupos de 5 alunos).

***"Eduardo Peçanha é um colecionador. Coleciona tudo o que é possível colecionar. Por isso, sua casa é abarrotada de objetos de coleção. Dentre todas as coleções de Eduardo Peçanha, três são suas preferidas"(LACERDA, 2012, p.8-11).***

Num primeiro momento, não foi apresentada a ilustração baseada na narrativa acima feita pelo ilustrador, sendo que inicialmente versou-se somente sobre o texto do livro, cuja síntese da história segue adiante:



Figura 17: Capa do livro - A História Estranha de Eduardo Peçanha

Eduardo Peçanha é um cara esquisito, colecionador de todo tipo de coisa. Costuma tomar sopa de letrinha para depois ficar imaginando as palavras se formando na sua barriga. Gosta de passar horas olhando para o céu, tentando adivinhar o formato das nuvens que brincam de "nunca chegar a ser". Ele também tem mania de colecionar coisas: só chapéus verdes, guarda-chuvas, chapinhas, relógios, canetas, sonhos.... A casa de Eduardo Peçanha é abarrotada de coisas.

Suas coleções favoritas são três - a de chapéus verdes, a de sonhos e a de figuras geométricas. Os chapéus ele usa um após o outro, sem nunca confundir os modelos. Os sonhos ele registra em folhas de papel para poder reler e, relendo, sonhá-los outra vez. E tem o hábito de olhar para os objetos e reconhecer neles figuras geométricas. Sua vida segue tranquila até o dia em que sonha com uma forma geométrica enigmática. E acorda disposto a percorrer toda a cidade para descobrir onde ela se esconde.

Com base na narrativa a produção foi feita com colagem de recortes de revistas, uso de canetas hidrocor coloridas em suporte de papel cartão. Somente ao final da produção, quando da reflexão dos trabalhos, foi feita a apresentação da ilustração feita pelo artista Romont Willy, para reflexão dos elementos selecionados e combinados - ilustração que teve por base a mesma narrativa de atividade proposta aos alunos, como segue na figura 15 adiante, já apresentada no item 3.2.5 do presente trabalho:



A ilustração focaliza nas coleções de objetos do personagem, sem mostrar quais são as preferidas do Eduardo. A ideia foi fazer com que o leitor veja o quanto o personagem é excêntrico, que além das coleções preferidas, ele possui

outras. Posto o plano de aula, apresento adiante o sequenciamento da condução da oficina na sala de aula.

Inicialmente, no intuito de adequar a melhor abordagem da temática proposta para a oficina, busquei contextualizar as habilidades inerentes à apreciação de artes plásticas, tais como: observação, memorização, análise e síntese, orientação espacial e sentido de dimensão e pensamento lógico e criativo. Sobre essas habilidades, podemos mencionar de modo sucinto características, como seguem:

- **observação:** deixamos de ser passivos para ser ativo, isto é, observo o que quero, porque quero, como quero, da forma que quero, quando quero observar;

- **memorização:** a partir da observação, desenvolvemos uma boa memória, importante para comparar, fazer associações, estabelecer relações, reconhecer diferenças e igualdades, emitir opiniões acerca do que vemos em relação ao que relembramos e, por sua vez, provocam interesse, curiosidade, que nos despertam a atenção;

- **análise e síntese:** o processo de análise corresponde ao aprofundamento da observação e se faz uso de instrumentos, com a percepção por meio do olhar, sensibilidade e intuição. Ou seja, observam-se os elementos que compõem o objeto observado, e servem como argumentos para fundamentar certa escolha e leva a uma conclusão que é a síntese - essência da observação do objeto;

- **orientação espacial e sentido de dimensão:** auxilia a reconhecer as obras que realizamos ou observamos, a harmonia ou o contraste das proporções;

- **pensamento lógico ou pensamento criativo:** neste quesito, o conhecimento corresponde à matéria-prima para a imaginação, ou seja, quanto mais conhecemos, mais nossa imaginação tem material para trabalhar e fazer uso para produções artísticas mais criativas. A partir da imaginação, explora-se maior número de possibilidades de instigar a curiosidade, seja pela amplificação, multiplicação, substituição, reordenação, mistura, intensificação ou redução.

Do exposto, constata-se que tais habilidades permitem perceber como os elementos da linguagem artística foram organizados, e adicionado a isso, considera-

se o contexto em que a arte é produzida, para o caso de ilustração, temos a narrativa atrelada.

Num primeiro momento, incentivei os alunos a analisar as imagens a partir de suas próprias impressões e referências culturais e num segundo momento, busquei discutir as motivações contextuais e interesses dos artistas buscando situar a ilustração na "linha do tempo" da história. Para tanto, fiz aula expositiva com slides de apresentação sobre a temática em questão, apresentação das imagens (ilustrações alvo da exposição), demonstração de livros ilustrados e exemplifiquei versando sobre a função da linguagem visual.

A oficina didática ministrada teve por base o princípio fundamental da abordagem triangular proposta por Ana Mae Barbosa Barbosa, em meio à relação sobre função versado por Camargo e Jakobson. A discussão inicial baseou-se em alguns exemplos básicos ligados ao cotidiano. Afirmou-se reiteradas vezes que não há uma função definida como correta, de modo a classificar a imagem, mas apenas justificativas bem fundamentadas. E para a construção dessas justificativas, o exercício consistiu em estimular a identificação dos nexos entre sintaxe e semântica (forma e conteúdo).

A comparação sucessiva e recorrente dos diversos exemplos facilita o processo. Perguntou-se ao aluno o porquê daquela classificação, a identificação dos elementos selecionados e como foram selecionados, resgatando seu repertório metafórico. Além de questionamento sobre imagens que têm uma estrutura representativa semelhante àquela referente ao seu repertório metonímico, permitindo assim estabelecer diversas relações metalinguística entre os diferentes estilos ou modos de representação.

Os recursos materiais utilizados para o desenvolvimento das atividades foram simples e acessíveis - revistas variadas, pois representam um repertório de imagens familiares a eles, por também se enquadrar como uma fonte para a pesquisa de imagens fora do universo da arte, com uso muito prático na sala de aula.

No exercício de colagem, tivemos como resultado o uso de imagens inusitadas, desafiando a capacidade interpretativa dos alunos. No registro das considerações do grupo, observaremos como as diferenças de repertório ou de



visão de mundo influencia o processo de interpretação. Foram apresentados exemplos ligados à linguagem cotidiana e artística. Tratando-se das "coleções de Eduardo Peçanha", na oportunidade os alunos comentaram sobre suas coleções também, de modo relevante coleções feitas na infância.

No momento da apresentação dos trabalhos, quando da abordagem dos elementos que compõem a obra, observei a coerência do afirmado por Manguel (2001), quando ressalta que só podemos ver aquilo que, em algum feitio ou forma, nós já vimos antes (p. 27), ou seja, que tenha significado para nós.

Na aula voltada para a reflexão e discussão dos trabalhos feitos, num primeiro momento foi feita uma explanação geral da temática e da apresentação da proposta da aula que consistia na apresentação das produções coletivas a partir da leitura da narrativa e na apreciação das imagens. A turma foi motivada a analisar os elementos de composição das imagens e foram feitos alguns questionamentos quanto às funções possíveis de identificar, numa dinâmica simples e acessível para melhor compreensão da turma EJA, tais como: identificação do personagem e coleções, elementos visuais, combinação dos elementos, forma/conteúdo, motivação para retratar alguma experiência, situação pontual que sugeriu a composição, entre outros.

De modo geral, os alunos estavam bem entusiasmados com os resultados das produções. Adiante, os registros das produções realizadas com um breve comentário da experiência explanada pelo respectivo grupo.

▪ Grupo I



Figura 18: Produção coletiva, Grupo I, 8º ano - EJA/GISNO

O comentário do grupo sobre a produção foi explanada nesse teor: a colagem da imagem do Zagalo ao centro do trabalho foi posto em referência ao personagem Eduardo Peçanha, cuja expressão denota argumentação e questiona num tom provocativo (expressão contida do balão: *Estas são minhas coleções. Quais são as suas?*). Como coleções, o grupo fez colagem de eletrônicos, coleção de ursinhos de pelúcia e colagem de vestidos, intercalada com desenhos de vestidos. Observa-se que o grupo pontuou somente três coleções, que sugere seguir as três preferidas mencionadas na narrativa de Eduardo Peçanha. Pontuaram que a escolha das coleções refere-se aquilo que o grupo apreciava.

▪ Grupo II



Figura 19: Produção coletiva, Grupo II, 8º ano - EJA/GISNO

O Grupo II, colou também ao centro do suporte a imagem de um homem, em referência a Eduardo Peçanha, e em volta fez colagens de vários materiais supondo as coleções, tais como: aviões, livros, carros, flores, relógios, bolas. Nesse caso, o grupo afirmou que não há uma definição certa das coleções favoritas do personagem. Mencionou que o observador é quem decide e registrou ainda que Eduardo Peçanha é muito materialista, só pensa em coleções e não tem mulher. E as coleções registradas remete-se à infância, pontuaram coleções já feitas, como: bolas de gude, figurinhas e pelúcias.

▪ Grupo III



Figura 20: Produção coletiva, Grupo III, 8º ano - EJA/GISNO

Já o Grupo III, não optou por referenciar imagem que denotasse Eduardo Peçanha. Conforme sua motivação, comentou que a casa ilustrada é de Eduardo Peçanha que mora em Ceilândia e estava dentro da casa muito ocupado com suas coleções. Como forma de ilustrar as coleções, fez colagem de instrumentos musicais, aparelhos eletrônicos, colheres de pau, carrinhos de brinquedo, garfos. O grupo destacou a imagem de duas pessoas, colagem no trabalho - uma referenciada a celulares, cita que Eduardo Peçanha está sempre ocupado com eletrônicos e a outra com suas músicas, referente à colagem de um homem em estúdio musical. E pontuaram somente a coleção de eletrônicos como favorita, visto que enfatizou estar sempre ocupado - reflexão que retrata bem a realidade cotidiana da sociedade, com avanços tecnológicos.

#### ▪ Grupo IV



Figura 21: Produção coletiva, Grupo IV, 8º ano - EJA/GISNO

No Grupo IV, é interessante observar que o grupo também não quis registrar a figura de Eduardo Peçanha. Optaram por fazer o desenho de uma casa, como sendo a do personagem e ao lado fizeram compartimentos, em referência aos cômodos da casa de Eduardo Peçanha. Atentos à história do livro, sobre a casa abarrotada de coleções, fizeram a divisão das coleções remetendo à divisão da casa, à qual tem coleções de sapatos, imagens de famosos, bonecas, relógios, fotos antigas, esculturas e numa posição de destaque puseram a colagem de uma poltrona.

Afirmaram que Eduardo Peçanha estava sentado na poltrona e saiu para registrar foto de todas as suas coleções, a qual é a imagem que vemos como resultado da produção feita pelos alunos.

Nesse contexto, é importante constatar as diferentes formas de interpretação e análise do texto para a narrativa visual. Cada grupo observou de um ângulo e o ilustrador do livro com sua experiência observou de outro viés. Nesse trabalho, tivemos como principal regra a não existência de uma classificação correta, quanto à função daquela ou outra imagem. O propósito essencial consistiu na



capacidade do aluno em justificar a sua classificação, uma vez que as coisas do mundo, e especialmente da arte, tem inesgotáveis formulações teóricas.

Como forma de estabelecer conexões com a habilitação em licenciatura, discorro adiante sobre relações do trabalho em questão com a prática do ensino de arte, cenário possível de relatar como fruto da experiência em sala de aula. Inicialmente, como uma das contribuições dessa pesquisa para o ensino da arte, posso citar melhor exploração de imagens de livros, no sentido de despertar o aluno para a leitura, além do estudo dos elementos básicos da linguagem visual que compõem uma narrativa visual para entender melhor assim a função da imagem, neste caso a função da ilustração.

De modo mais específico, posso afirmar que a partir do discorrido sobre as técnicas utilizadas para a produção de uma narrativa visual, é possível a exploração de técnicas no ensino da arte, no sentido de apresentar melhor resultado frente ao propósito do aluno, prezando pela sua expressão pessoal e a partir de suas experiências de relações com o outro, com a natureza e objetos. Visando a valorização de uma temática transversal, vejo o trabalho como ponte para estabelecer dinâmica com disciplinas com propostas aderentes, como literatura, português, matemática, entre outras.

Ademais, contribui para a formação do arte educador, uma vez que torna mais apurada sua capacidade de análise, fazendo ampliar as formas de diferenciadas percepções, advindas de vivências pessoais e culturais. E esse universo reflete e influencia o desenvolvimento da compreensão de diferentes textos que tem acesso e dos propostos aos seus alunos.

A oficina realizada corresponde a ação a ser utilizada em sala de aula pelo arte educador. Vale destacar que a professora que gentilmente permitiu a realização da oficina em questão, pontuou pertinência de tal atividade no ensino, no sentido inclusive de mostrar ao aluno a relação entre áreas de ensino, motivo que afirmou cogitação em fazer trabalho semelhante em outras turmas com a participação de docente em português, para atender conteúdos propostos de ensino correlacionado entre artes e português, com o propósito ainda de exposição dos trabalhos feitos. Assim, vejo a validade no desenvolvimento da atividade para enriquecer a prática de ensino do arte educador em sala de aula.

Certamente, a pesquisa feita influenciou os alunos no modo de observação que reflete, por sua vez, na forma de leitura de imagens, frente a questionamentos, como: o propósito do artista, a mensagem que quis transmitir ou não, a pergunta sugerida com a imagem, a forma de combinação de elementos da linguagem visual, entre outros.

Como fruto da reflexão feita na oficina, podemos exemplificar o paralelo estabelecido com a realidade dos alunos quando abordamos narrativa sobre "fazer coleções", uma vez que partiram do seu modo de vida e experiência com a narrativa proposta para após imaginação e reflexão, realizar uma narrativa visual, interpretando-a sob seu ponto de vista. Além disso, vale mencionar que a partir da atividade proposta, os alunos sentiram-se estimulados a produzir imagens a partir de narrativas prezando pela criatividade e estabelecimento de significados.

Assim, o ambiente escolar dialoga com a pesquisa, pelo aspecto visual em múltiplas formas e manifestações que promove o refinamento das abstrações, podendo ser melhor explorado em sala de aula e nesse caso, o livro didático pode ser explorado como objeto de arte em outras atividades escolares, a fim de favorecer a leitura e a proximidade do aluno com o mundo literário.

Pensando na comunidade em geral, posso afirmar de modo sucinto que uma reflexão como fruto desse trabalho é o entendimento do papel da ilustração como elemento mediador e orientador por meio do pensamento concreto e baseado nas próprias experiências com o mundo. Aprender como apreciar, interpretar imagens, analisando a sua constituição e operação e como o conteúdo que elas transmitem em situações concretas em nossas vidas.

Como ações comunitárias decorrentes da pesquisa realizada, visualizo melhor exploração de espaços culturais e bibliotecas para trabalhar atividades com essa temática, uma vez que o exercício de apreciar artes plásticas, passa por uma leitura de imagem, análise do contexto inserido, observação, tantas outras habilidades que cabe despertar o corpo discente para tal e refletem no nosso modo de vida, como também incentiva a leitura e valoriza a educação escolar notadamente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do trabalho exposto, foi possível constatar que a imagem abordada neste trabalho especificamente como ilustração de livro, em geral permite a expressão do artista, no sentido de buscar, descobrir e retratar aquilo que traz da sua história e é importante para si que, por sua vez, auxilia na estruturação e definição de sua identidade.

No trabalho dos ilustradores brasileiros, percebemos a técnica da xilogravura ao desenho digital e notadamente as obras que se voltam para o universo da literatura infantil, ponte de diálogo direto com a arte contemporânea. Ao depararmos com um livro ilustrado e/ou com ilustrações, é válido pontuar que à medida que a compreensão avança e que os registros e o aprofundamento com as imagens ocorrem, há uma ampliação dos saber (palavra de origem latina, *sapere*, que significa ter gosto), portanto passa pelo crivo da percepção e da espontaneidade inicial, do acolhimento ou descaso, de um gostar ou não.

Esse contato e o diálogo com o visual em múltiplas formas e manifestações promovem o refinamento das abstrações. O gostar de ver e gostar de ler acabam por ser duas dimensões da apropriação do objeto livro e do texto ali presente. Constata-se, assim, que o leitor é seduzido inicialmente pela visualidade, pelo figurativo, de forma curiosa, em que há a alegria da descoberta e da ativação da fantasia, notadamente visto nos leitores mirins. Portanto, a imagem exerce o papel de um primeiro elemento mediador e orientador, por meio do pensamento concreto e baseado nas próprias experiências com o mundo. Há diferenciadas percepções, advindas de suas vivências pessoais e culturais, e esse universo reflete e influencia o desenvolvimento da compreensão dos diferentes textos que o indivíduo tem acesso.

Vejo também que a ilustração quando assim rotulada, implica a ligação com algum objeto, não entendido estritamente como algo material, mas podendo ser uma narrativa, conceito. Assim, a imagem quando rotulada por ilustração, certamente implica numa função pré-concebida. Nesse quesito, a ilustração assume uma grande responsabilidade, pois é fato que seduz, ao mesmo tempo que é complexa em suas articulações ao dialogar com a palavra. Uma vez que é uma



linguagem marcada na manifestação de sentido textual, logo não cabe categorizá-la como uma condição secundária ou de invisibilidade por levar em consideração, sobretudo seu notório papel e função.

Como proposta da exposição, a prática da leitura no mês do livro (abril), buscou explorar todo o ambiente da biblioteca disponível para esse convite à leitura. O ato de ler inicia pelo contato visual e físico em que o sujeito olha e pode ser atraído ou não pelo que vê. O modo como as linguagens no objeto cultural apresentam-se, podemos afirmar que correspondem a portas de acesso ao sentido ali constituído.

Por outro lado, baseada na experiência da oficina, pude constatar a importância da interdisciplinaridade, comunhão entre outras disciplinas para favorecer melhor fruição do processo pedagógico, neste caso de artes plásticas em sala de aula, como pontuado na oficina realizada. A atividade que levou a ler imagens criticamente, voltada para a função da sua linguagem visual implicou em aprender como apreciar, interpretar imagens, analisando a sua constituição e operação, e como o conteúdo que elas transmitem em situações concretas em nossas vidas. E certamente, a leitura de imagens e definição de sua função é oriunda da diversidade, visto que não há uma interpretação exclusiva.

Por fim, a dimensão do trabalho obtido deveu-se sobremaneira pela disponibilidade dos profissionais citados no trabalho, tais como a equipe de coordenação da exposição, como todos os ilustradores que se dispuseram de forma gentil a relatar a sua trajetória, experiência e trabalho e aos alunos do Gisno que me fez corroborar a riqueza do papel da ilustração no campo artístico, desde sua concepção às diversas funções que possa vir desempenhar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Carlos. **Carlos Araújo: entrevista [jun. 2013]**. Entrevistadora: Rosilane Brito. Brasília, 2013. 1 arquivo. Mp4 (2h). Partes da entrevista encontram-se transcritas no capítulo "A Exposição Ilustração - a arte nos livros" deste Trabalho de Conclusão de Curso.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro: princípios da técnica de editoração**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon Editora Digital; São Paulo, SP: Fundação Editora da Unesp, 2008. 640p.

CARDOSO, Rafael (org.). **O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Curitiba: Nova Didática, 2004.

Góes, Lúcia Pimentel; Alencar, Jakson de (orgs.). **A alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores**. São Paulo: Paulus, 2009.

GOMBRICH, E.H. **O uso das imagens: estudos sobre a função social da arte e da comunicação visual**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LACERDA, Gilberto Santos. **A história estranha de Eduardo Peçanha**. São Paulo: Globo, 2012.

LIMA, Luda. **Luda Lima: entrevista [jun. 2013]**. Entrevistadora: Rosilane Brito. Brasília, 2013. 1 arquivo. Mp4 (1h30min). Partes da entrevista encontram-se transcritas no capítulo "A Exposição Ilustração - a arte nos livros" deste Trabalho de Conclusão de Curso.

LOPES, Fernando de Castro. **O ilustrador na licenciatura: diário de bordo de um licenciado em Artes Plásticas**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso ( Bacharel em Artes Plásticas). Universidade de Brasília, UnB, 2013.

\_\_\_\_\_. **Fernando de Castro Lopes: entrevista [jun. 2013]**. Entrevistadora: Rosilane Brito. Brasília, 2013. 1 arquivo. Mp4 (1h). Partes da entrevista encontram-se transcritas no capítulo "A Exposição Ilustração - a arte nos livros" deste Trabalho de Conclusão de Curso.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

MELO, Chico Homem de. **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naif, 2008.

MICHAELLIS. **Moderno dicionário de língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

MOREIRA, Terezinha Maria Losada. **A interpretação da imagem: subsídios para o ensino de arte**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

NANNINI, Priscilla Barranqueiros Ramos. **Ilustração: um passeio pela poesia visual**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2007. 162p.

OLIVEIRA, J. & GARCEZ, L. **Explicando a arte - uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

OLIVEIRA, Jô. **Jô Oliveira: entrevista [jun. 2013]**. Entrevistadora: Rosilane Brito. Brasília, 2013. 1 arquivo. Mp4 (1h). Partes da entrevista encontram-se transcritas no

capítulo "A Exposição Ilustração - a arte nos livros" deste Trabalho de Conclusão de Curso.

**Orientações Curriculares. Ensino Fundamental. Séries e anos finais:** Arte/ Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Brasília: GDF, 2008.

**Orientações Curriculares. Ensino Médio:** Arte/ Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Brasília: GDF, 2008.

**Parâmetros Curriculares Nacionais:** Arte/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.130p.

RAMOS, Maria Isabel Frantz. **Influências das Culturas Popular e Tradicional na Ilustração Brasileira Contemporânea.** Lisboa: Universidade de Évora, 2012. Tese de mestrado.

SEVERINO, Joaquim Antônio. **Metodologia do trabalho científico.** 22.ed.rev.ampl. São Paulo: Cortez, 2002. 327 p.

SOUZA, Ana Maria de Costa; BERNADETTE, Maria Nogueira Batista; RABELO, Marina de Lima. **Entrevista com a coordenação da exposição "Ilustração – a arte nos livros" [jun. 2013].** Entrevistadora: Rosilane Brito. Brasília, 2013. 1 arquivo. Mp4 (1h30min). Partes da entrevista encontram-se transcritas no capítulo "A Exposição Ilustração - a arte nos livros" deste Trabalho de Conclusão de Curso.

WILLY, Romont. **Romont Willy: entrevista [jun. 2013].** Entrevistadora: Rosilane Brito. Brasília, 2013. 1 arquivo. Mp4 (1h30min). Partes da entrevista encontram-se transcritas no capítulo "A Exposição Ilustração - a arte nos livros" deste Trabalho de Conclusão de Curso.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A – Roteiro da entrevista com a coordenação da Exposição “Ilustração – a arte nos livros”.**

1. Qual foi a inspiração inicial para a Exposição "Ilustração - a arte nos livros"?
2. Qual foi a proposta da Exposição "Ilustração - a arte nos livros"?
3. Discorrer sobre a literatura que embasou a elaboração da exposição.
4. Discorrer sobre a programação. Detalhar (citar oficinas, lançamento de livro...)
5. Qual o público alvo?
6. Quais os critérios utilizados para a seleção dos ilustradores da exposição?

## **APÊNDICE B – Roteiro da entrevista com os ilustradores da exposição.**

### **1. Perspectiva - Profissional**

1.1. Qual foi a inspiração inicial para atuar como ilustrador?

1.2. Comente sobre sua atuação profissional como ilustrador e aponte quais foram as influências, os caminhos percorridos (dificuldades, facilidades) e outros aspectos que considera importante na sua trajetória.

1.3. Comente sobre a técnica utilizada para a produção dos seus trabalhos de ilustração (computador, *tablet*, aquarela, acrílica, grafite, bico de pena e etc.) e como desenvolve a partir de uma encomenda.

1.4. Qual o público alvo do seu trabalho?

1.5. De que modo você realiza a divulgação do seu trabalho.

1.6. Como você pensa os seus trabalhos? Existe relação dos trabalhos realizados no início da carreira com os trabalhos desenvolvidos atualmente? Você poderia apresentar alguns exemplos?

### **2. Perspectiva – Exposição Ilustração “A Arte nos livros”**

2.1. Como você pensa a relação entre o ato pedagógico e as práticas que incentive o aluno a refletir e criar por meio de imagens?

2.2. A Associação dos Designers Gráficos considera ilustração, de modo geral, como a imagem que tem por objetivo “corroborar ou exemplificar o conteúdo de um texto de livro, jornal, revista ou qualquer outro tipo de publicação”. Como você percebe o seu trabalho mediante esta colocação, como também, no âmbito da exposição?

2.3. Comente sobre as imagens de sua autoria utilizadas na exposição, citando-as e versando sobre o seu significado/função e formas de leitura. Em seguida, por favor, responda as seguintes questões.

a) Todas as imagens são narrativas?

b) É o leitor quem determina o caráter narrativo da imagem ou a sua composição?

c) As ilustrações são janelas que se abrem ou molduras para o texto?

d) Como a imagem pode aprofundar a leitura do livro.

e) Considerando que as ilustrações podem exercer em relação ao texto verbal diferentes funções, como você classifica a função de cada imagem de sua autoria retratada na exposição (ex.: ratificar os significados do texto, quanto antecipar, ampliar, extrapolar ou sugerir).

2.4. De modo geral, como avalia o papel da imagem no processo pedagógico de artes visuais.

## **ANEXOS**

### **ANEXO A - Material referencial da Exposição "Ilustração - a arte nos livros".**





**A**bril é sempre uma oportunidade de celebrar o livro já que muitas das datas festivas alusivas a ele são comemoradas neste mês. Cumprindo uma tradição, a DEMONSTRATIVA traz ao público mais uma homenagem especial. Desde 2010, no Mês do Livro, por meio de eventos diversos, é escolhido um tema que também contribua para reforçar a missão de biblioteca pública, informando usuários e visitantes.

**E**m 2013, a DEMONSTRATIVA festeja este Mês enfocando a Ilustração como parte integrante da edição do livro, contribuindo para seu enriquecimento artístico em forma e conteúdo.

**I**magens fazem parte do cotidiano da humanidade que, desde sempre, as utilizou como elementos de comunicação. O recorte histórico foi uma maneira de simbolizar a rica e extraordinária trajetória desta comunicação por imagens relacionada à escrita, e, em especial, ao livro.

**E**xposição, fruto de pesquisa e criação artística das servidoras Bernadette Maria Nogueira Batista Strauss e Marina de Lima Rabelo, é um vislumbre do panorama do uso de ilustração na edição de livros no mundo e no Brasil. Traz também uma pequena amostra de diagramação de imagens nos livros. E, ainda, como em abril, comemoramos o aniversário de Brasília, nada mais apropriado do que apresentar alguns bons exemplos de profissionais da cidade que gentilmente aceitaram o convite da biblioteca autorizando o uso de suas ilustrações aqui expostas.

**K**onrando outra tradição, a DEMONSTRATIVA convida a todos para ampliar seus horizontes para além da exposição comparecendo aos eventos comemorativos do Mês do Livro e usufruindo a leitura do acervo sempre à disposição dos que aqui vêm. Feliz Mês do Livro e ótimas leituras.

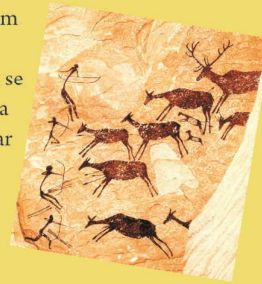






desenho precede a escrita.

Era assim que se contavam histórias, em um passado bem distante, quando na pré-história, o homem sentia a necessidade de se comunicar. A escrita, portanto, nasce desta mesma necessidade do homem representar o mundo. Ilustração e escrita passaram a estar presentes nos papiros do Egito, nos códices medievais, antigos pergaminhos manuscritos, ou, ainda, nos manuscritos chineses.



Dicionário Houaiss

### Ilustração

substantivo feminino

- 1 ato ou efeito de ilustrar(-se); qualidade do que é ilustre; renome.
- 2 ato de esclarecer, de ilustrar por meio de explicações; esclarecimento, comentário.
- 3 adorno ou elucidação de texto por meio de estampa, figura etc.
- 4 Derivação: por metonímia. Rubrica: editoração, publicação que contém estampas, gravuras, desenhos etc.
- 5 Derivação: por metonímia. Rubrica: artes gráficas, desenho, gravura, imagem que acompanha um texto.



Os primeiros textos em

hieróglifos, sinais da escrita de antigas civilizações, já possuíam ilustrações, porém estas não seguiam nenhum ordenamento com o texto. O desenho deveria se restringir ao espaço destinado a ele após o texto ter sido escrito.

"A primeira coisa que lhe vem à mente na idealização de um conto é uma imagem que por uma razão qualquer apresenta-se a mim carregada de significado, mesmo que eu não saiba formular em termos discursivos ou conceituais (...)"

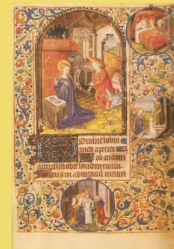
Ítalo Calvino





Os pergaminhos medievais ganham maior interação entre texto e imagem. Na edição dessas obras, o texto passa a ser revisado e, tanto o espaço como o tema das imagens são definidos previamente.

Quando o artista extrapola a simples decoração, ele passa a ilustrar o texto, com o intuito de esclarecer a narrativa. Daí vem a palavra "iluminar", ou seja, revelar, fazer sobressair. As iluminuras, ilustrações, eram bem acabadas, usavam uma gama maior de cores e traziam símbolos da igreja, pois eram produzidas no intuito de ilustrar textos religiosos.



letra capitular ou letra capital são aquelas letras ornamentadas que dão início ao livro, capítulo ou parágrafo. Elas habitualmente são maiores que as demais partes do texto e são bastante decoradas. Não existem regras para o tamanho dessas letras, dependerá muito da diagramação que o editor dará ao texto. Este tipo de ornamentação do livro surgiu antes mesmo da impressão. Essas letras eram desenhadas e posteriormente coloridas à mão.

Segundo Rui de Oliveira a caligrafia é a marca pessoal do ilustrador. "O ilustrador precisa saber escrever desenhando". E afirma que editor adora ilustrador que tem a sua própria caligrafia, pois, atualmente, há uma perda na identidade do profissional pelo uso demasiado do computador. "Está ficando tudo igual". Para Rui, o ilustrador que trabalha com letra capitular é visto como aquele "que tem boa formação". Dessa forma, a letra é fundamental para uma excelente carreira em ilustração.



Os profissionais da arte de desenhar as letras capitulares eram chamados de miniaturistas ou rubricadores. As cores das capitulares estavam ligadas a simbologias variadas, que podiam remeter a um propósito divino. Na maioria das vezes, a capitular era de cor vermelha para realmente se destacar no texto. Por isso, segundo o dicionário Houaiss, a origem do termo latino "miniatura" significa também vermelho, "pintar com minio, substância de cor vermelha".







# III



século XIII marca o início da produção editorial laica. Os livros passam a ser produzidos fora dos muros dos mosteiros e não ter como objetivo exclusivo a catequização dos seus leitores. O livro impresso passou a determinar mudanças também na produção iconográfica. As ilustrações diminuíram de tamanho, assim como o formato dos livros. Ainda neste período, já se verifica a existência de ilustrações acompanhadas de legendas, indicando o caráter documental da obra. Posteriormente, a ilustração passou então a ser produzida em maior quantidade pelas técnicas de xilogravura (gravuras em relevo sobre madeira), talho-doce (gravura em que a matriz é um metal), a litografia (gravura feita com a matriz de pedra) e, ainda mais tarde, a fotografia.



Crônica de Nuremberg, uma das primeiras obras monumentais da ilustração impressa, com no mínimo 640 imagens diferentes gravadas por Michael Wolgemut, 1493.



Apocalipse, Os Quatro Cavaleiros, Albrecht Dürer.

Prática curiosa da produção iconográfica do século XV e XVI foi a utilização dos mesmos desenhos para diferentes obras. Ou seja, os editores utilizavam as mesmas matrizes da gravura feitas para determinado livro, repetindo-as em livros de outros autores, inclusive em edições de outros países.

Marco importante desse período foram as gravuras de Albrecht Dürer (1471-1528). A qualidade de sua obra se destaca por se despregar das formas bidimensionais tipicamente medievais, utilizando a técnica da xilogravura.

O primeiro livro infantil de que se tem notícia só foi publicado em 1744 na Inglaterra. Seu nome é "A Little Pretty Pocket-book: Intended for the Instruction and Amusement of Little Master Tommy, and Pretty Miss Polly..." (Um lindo livrinho de bolso: destinado para a instrução e diversão do pequeno mestre Tommy e da linda senhorita Polly). O livro possui rimas simples e imagens de crianças brincando de bolinhas de gude, de esconde-esconde, críquete, beisebol e outros jogos. Publicado por John Newbury, ele foi o primeiro da editora que acabou se especializando em obras para crianças.







# IV



Thomas Bewick (1753-1828)

A partir do século XVI, a gravura no metal ganha força, assinalando a ilustração de livros como de melhor qualidade. Artistas também se destacam na arte de ilustrar livros, como Thomas Bewick (1753-1828), Heinrich Hoffmann (1809 - 1894), Gustave Doré (1832-1883) e Lorenz Frølich (1820 - 1908). Estes quase sempre trabalhavam com textos diagramados abaixo das imagens, revelando o sentido complementar do texto e da ilustração.



Heinrich Hoffmann (1809 - 1894)



Wilhelm Pedersen, 1948.

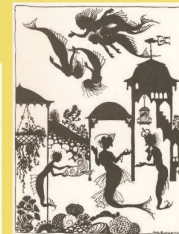
A Sereiazinha por quatro ilustradores.



Lorenz Frølich, 1887 e 1874.



Anne Anderson, 1924.



Arthur Rackham, 1932.



Paul Gustave Doré, famoso pintor e desenhista francês, começou a trabalhar como ilustrador aos 25 anos. Ilustrou inúmeras obras literárias. Entre os principais livros estão Dom Quixote de la Mancha de Miguel de Cervantes; A Divina Comédia de Dante e os contos de fadas de Charles Perrault. Ilustrou ainda alguns trabalhos do poeta inglês Lorde Byron e também a Bíblia.

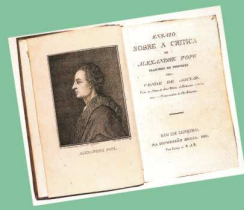


A chegada do século XX representou uma nova guinada do livro ilustrado para a representação de imagens simbólicas na tentativa de traduzir o inconsciente, principalmente nos livros infantis.

Marco na produção de livros ilustrados contemporâneos é a obra de Maurice Sendac (1928 - 2012), *Onde vivem os monstros*.







Brasil, a produção livreira foi bastante tardia em comparação com os países europeus. Antes da chegada da família real portuguesa, a produção industrial, inclusive a gráfica, era proibida. Quando da dominação holandesa no nordeste, entre 1630 e 1650, houve uma tentativa de introduzir a tipografia em Recife. Até então, todos livros escritos no Brasil eram impressos em Lisboa.



Cultura e opulência do Brasil de André João Antonil, 1711.



Desenho de Muzi para Flora Fluminense, organizada por Frei José Manoel da Conceição Verres, 1790.

Após 1808, as edições ilustradas estavam quase sempre impressas em periódicos ou livros científicos. As imagens eram litografadas e, somente ao final do século XIX, a fotografia passou a ser utilizada.



Mentzelia Menziesii e notas manuscritas de Francisco Peire Almeida vol. IV de Estudos Botânicos, 1842.



Caricatura do Imperador Dom Pedro II, Revista Ilustrada, 1887.



Angelo Agostini, Revista Ilustrada, 1881.

Foram lançados o periódico mensal *Brasil Ilustrado* de Ciro Cardoso de Meneses, produzido entre 1855 e 1856, a *Revista Ilustrada*, no início do ano de 1876 pelo italiano, radicado no Brasil, Angelo Agostini (1843-1910) e, no mesmo ano, a revista bimensal *Ilustração do Brasil* do proprietário Charles F. de Vivaldi. A caricatura, desde este período, estava presente nestes volumes e marcou sobremaneira a ilustração no Brasil.



livro *Vergastas* do escritor Lúcio de Mendonça, com capa do também escritor Raul Pompéia, é um dos primeiros exemplares de capa ilustrada com autoria reconhecida da impressionante produção brasileira de capas de livros.



Vergastas de Lúcio de Mendonça, capa de Raul Pompéia, Rio de Janeiro, 1889.



Brasil, o primeiro livro infantil ilustrado foi *O patinho feio*, de Hans Andersen, da Coleção Biblioteca Infantil, lançado em 1915, pela Weszflog Irmãos Editores, hoje Editora Melhoramentos.



O patinho feio, ilustrador: Jean Gabriel Vilas.



A viagem de João Cabral, ilustradora: Hilda Weber.



O que é o Brasil, ilustrador: Luigi Bertoni.



A floresta brasileira, ilustrador: Francisco Richter.



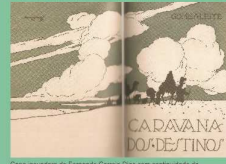
O Rio de Janeiro, ilustrador: Osvaldo Stern.



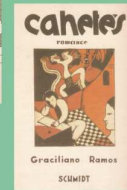
## VI



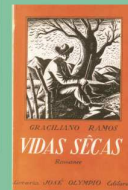
No início do século XX, a ilustração, no Brasil, foi incorporada definitivamente ao projeto gráfico do livro. Fernando Correia Dias é o pioneiro na criação de capas ilustradas que valorizam a diagramação e Tomás Santa Rosa consolida e perpetua essa conquista com a criação de uma identidade visual que permanece como marco no meio editorial brasileiro.



Capa inovadora de Fernando Correia Dias com continuidade da ilustração na lombada e quarta capa. Câmara dos deputados de Gomes Leite, Empresa Brasil Editora, 1921.



Primeira capa de Tomás Santa Rosa. Caheles de Jorge Amado, Livraria Schmidt Editora, 1933.



capa de Tomás Santa Rosa. Vidas Secas de Graciliano Ramos, Juaçá Editora, 1938.



Nos de Guerra D'Amélia, capa de Fernando Dias Correia, 1917.



Urupês de Monteiro Lobato, capa de Vilson Rodrigues, 1919.



Calisto e o Ituzaingo de José Carlos de Macedo Soares, 1920.



Paulicea desestabilizada de Maria de Andrade, capa de Guilherme de Almeida, 1922.



Pau Brasil de Oswald de Andrade, capa de Tarsila do Amaral, 1925.



Conduta Sexual de A. Austregesilo, capa de Gi Cavalcanti, 1934.

As artes gráficas brasileiras do início do século XX foram influenciadas pelos grandes movimentos artísticos, como o cubismo, o dadaísmo e o construtivismo russo, repensando visualmente a diagramação dos livros produzidos nacionalmente. Nas décadas de 1920 e 1930, além dos artistas gráficos e caricaturistas, muitos artistas plásticos produziram capas.



Voltolino, primeiro ilustrador dos livros de Monteiro Lobato. Em 1926, ilustra Narquinho, a menina do nariz amarelado.

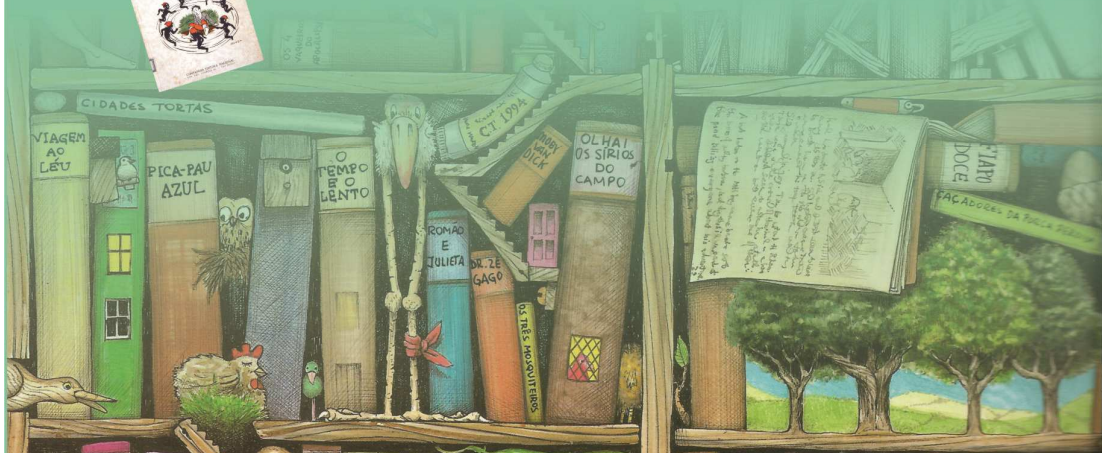


O saci. Ilustração: Voltolino.

Lobato, além de escritor e tradutor, foi um dos primeiros editores no Brasil, e contribuiu significativamente na adoção da capa ilustrada e na programação visual dos livros brasileiros.



O kibo e o conde. Ilustração: Le Blanc.





## VII



década de 60 é marcada pela liberdade na criação de capas e ilustrações. O trabalho de alguns designers modificou substancialmente a forma de se fazer capas, que seguia até então o diagrama de autor, título, ilustração dispostos um sobre o outro centralizados.



O Homem Nu de Fernando Sabino.  
Capa de Bia Feller.  
Livraria José Olympio Editora, 1960.



Crise Ponto ao Meio de Aguiinaldo Silva.  
Capa de Eugenio Hirsch.  
Editora Civilização Brasileira, 1965.



A Mulher que Matou os Fêmeas.  
A mulher que matou os peixes de Glance Lipektor.  
Capa e ilustração de Carlos Lello.  
Rio de Janeiro: Editora Sábá, 1968.



Os paisões do rio de Jorge Amado.  
Ilustração de Ademir Martins.  
São Paulo: Editora Martins, 1968.



Corpo de Carlos Drummond de Andrade.  
Capa e ilustração de Camêlo.  
Rio de Janeiro: Editora Record, 1965.



Corpo de Carlos Drummond de Andrade.  
Capa e ilustração de Camêlo.  
Rio de Janeiro: Editora Record, 1965.

**"Uma capa é feita para agredir, não para agradar"**

Eugenio Hirsch



O Companheiro de Oprim de Jorge Amado.  
Capa e projeto gráfico de Kiko Tarkus.  
São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

ilustração contemporânea foi influenciada por outros tipos de publicação, como cartuns, caricaturas e charges de jornais e revistas. Há atualmente uma produção intensa de livros clássicos de literatura na versão em quadrinhos, abrindo caminhos diferentes para leitura.



Indo não sei donde buscar não sei o quê.  
Texto e ilustração de Angela Lago.  
São Horizonte: NBU, 2000.



Quê se mulher cantou: um conto africano de Rogério Andrade Barbosa.  
Capa e ilustração de Geia Lima.  
Dezêdo Cultural do Livro, 2006.



O primeiro dia de aula de Christina Dias.  
Capa e ilustração de André Neves.  
Dezêdo Cultural do Livro, 2007.



Dom Casmurro de Machado de Assis.  
Revisão de Washington Soares.  
Capa e ilustração de José Aguiar.  
Editora Nemo, 2011.



O mundo da mãe de Aguiar de Lima da Câmara Cascudo.  
Ilustração de Cláudio Scatena.  
São Paulo: Global Editora, 2001.



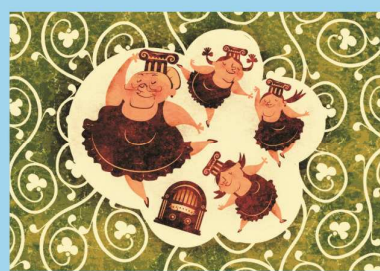
ampliação do mercado do livro brasileiro infantil, a partir dos anos 80, deve-se em parte à ilustração que o tornou um objeto de consumo atraente. Uma das características do livro ilustrado foi a invenção do livro mudo, ou seja, aquele que não emprega texto, somente a ilustração conta a história.



## VIII

**Q**uando a ilustração em Brasília esteve voltada, em grande parte para produção jornalística e para publicações institucionais, como selos dos Correios e campanhas publicitárias diversas. Hoje, com o mercado editorial crescente, ilustradores se voltam para os livros editados não só na cidade, como no Brasil e no mundo. Elencamos alguns ilustradores que vivem em Brasília e representam a trajetória de outros artistas que trilharam este mesmo caminho.

**Carlos Araújo** após atuação como designer gráfico, decidiu focar seu trabalho na ilustração, que pode ser encontrado em livros, revistas, capas de CD, toys, posters, cadernos, anuários e exposições no Brasil e no Exterior. No lugar de "estilo", ele prefere o termo técnico "jeito" de ilustrar. Suas ilustrações usam uma mistura de silhuetas e figuras em alto contraste, com uma abordagem moderna e divertida.



Bolton

Várias ilustrações parecem integrar um mesmo mundo ou universo, como se fossem cenas capturadas de algum cenário ou narrativa maior.



Cornelli



Evolução do trabalho

As ilustrações de Carlos Araújo são referência no mercado brasileiro. Em 2009 foi entrevistado pela Revista Ilustrar, a mais importante publicação no Brasil sobre ilustração. Em 2010, teve o trabalho reconhecido na seleção "Fresh" da Communication Arts. Dois anos mais tarde, ele foi um dos 12 ilustradores brasileiros escolhidos para representar a ilustração brasileira na exposição "Impredicible Gráfica Brasileña". E foi selecionado duas vezes para a lista 200 Best Illustrators Worldwide, em 2009 e 2011, publicada pela Luerzer Archives. Carlos Araújo é membro da SIB, Sociedade dos Ilustradores do Brasil e também é um dos organizadores do Rabiscão Ilustrado, o tradicional encontro de ilustradores de Brasília.









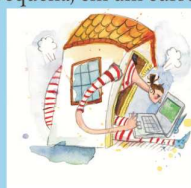


# XI

## Luda Lima

mescla aquarela e tinta acrílica com colagens no Photoshop e o uso do programa de computador Illustrator entre as suas técnicas.

Os primeiros esboços vieram aos 3 anos de idade, quando, em poucos riscos, desenhou o pai e a mãe. Luda ingressou, ainda pequena, em um curso de artes. Formou-se em Desenho Industrial



Gaveta de bolso - Editora Protego - Juliana Cunha e Luda Lima

pela Universidade de Brasília. Influenciada pelos animes, descobriu, nas animações japonesas, o prazer no ato de desenhar.

Luda e a blogueira Juliana Cunha lançaram o livro Gaveta de bolso, em 2011, que se tornou um aplicativo para celular em 2012. A obra interativa sugere ideias para que o leitor, como participante ativo, pense e rabisque também.



Portugals - Uma Língua Brasileira - Editora Laya

Em Nova York, onde morou por seis meses, mergulhou na Ilustração avançada e expôs em uma loja de vinhos. Realizou também uma exposição em São Paulo. Além de ilustrações para revistas e livros, Luda desenha sob encomenda.



O Mergulho - Projeto pessoal - Conrado Falbo, Bu Moraes e Luda Lima



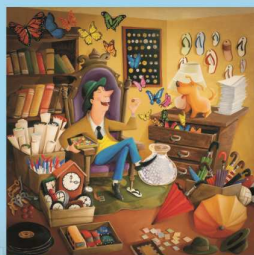
A história estranha de Eduardo Paqueta

## Romont Willy

é autodidata. Começou a desenhar na infância. Prefere pintar manualmente usando técnica mista, onde mistura vários tipos de materiais: tinta guache, acrílica e aquarela, lápis de cor, giz pastel e outros. Embora domine a pintura digital, não a usa com frequência.

Tem mais de 25 livros ilustrados em editoras diferentes. Mora em Ceilândia, Brasília, e atualmente, trabalha em uma agência de publicidade e como ilustrador freelancer.

Romont tem um carinho especial pelo primeiro livro que escreveu e ilustrou, previsto para ser publicado no segundo semestre de 2013, pela Callis Editora.



A história estranha de Eduardo Paqueta



A casa das 10 Furumfufufas





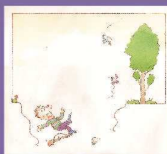


# XIII

Um outro recurso que auxilia a existência das ilustrações é a forma do livro. O livro ilustrado extrapola o formato convencional do livro, em que a abertura do volume se dá pelo lado direito da folha, abrindo o espaço de duas páginas.



Por um fio de Eva Farnas  
Ed. Paulinas, 1992



LIVRO-IMAGEM: O texto é inexistente ou quase ausente. A produção brasileira deste tipo de livro cresce a cada dia.

As edições ilustradas discorrem sobre planos variáveis que estabelecem uma curiosa relação com a narrativa. Dessa forma, cada abertura de página constitui um jogo que diverte o leitor. A ilustração cresce em tamanho e exige que o leitor recrie a partir da forma inicial.



É uma coisa? Guido Van Genechten  
Coleção O que é? O que é?  
São Paulo: Gerdin Editorial, 2002

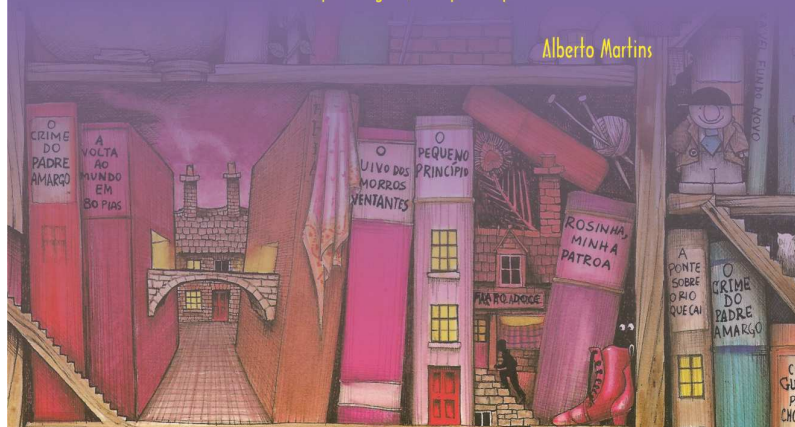
LIVROS POP-UP: Livros que possibilitam imagens em três dimensões. Há um sistema que de encaixe de elementos na abertura das páginas. A ilustração é bastante privilegiada nestes livros.



O Mágico do Oz: Robert Sabuda, São Paulo: Paulinas, 2010

"A imagem não deve tapar o que o texto escreveu. A ideia não é descrever, literalmente, alguma cena ou personagem daquele trecho. Eles estão ali para sugerir, não para representar."

Alberto Martins



## BIBLIOGRAFIA

### NOS LIVROS

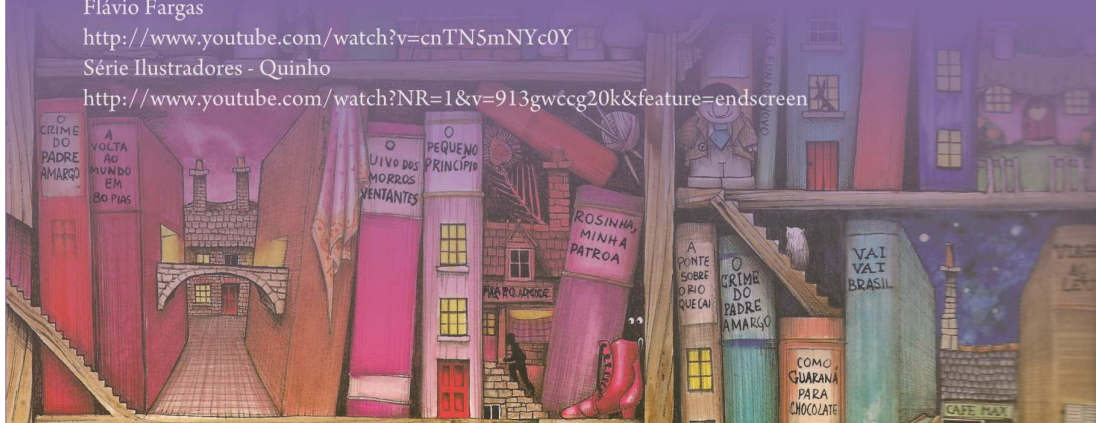
- CAMARGO, Luiz Hellmeister de. *Bruxas, longe daqui!* São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- \_\_\_\_\_. Ilustração do livro infantil. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- \_\_\_\_\_. Poesia infantil e ilustração: estudos sobre *Ou isto ou aquilo* de Cecília Meireles. 1998. 204 f. Dissertação (Mestrado)–Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1998.
- CARDOSO, Rafael (org.). *O design Brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- CORTEZ, Jayme. *Mestres da ilustração*. São Paulo: Hemers Livraria e Editora LTDA, 1970.
- DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- Góes, Lúcia Pimentel; Alencar, Jakson de (orgs.). *A Alma da imagem: a ilustração nos livros para crianças e jovens na palavra de seus criadores*. São Paulo: Paulus, 2009.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Tradução Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.
- LAGO, Ângela. A leitura da imagem. Instituto C&A. In: SEMINÁRIO NOS CAMINHOS DA LITERATURA, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Org.), São Paulo, 2008. São Paulo: Petrópolis, 2008.
- \_\_\_\_\_. Anotações descosturadas sobre ilustrações e livros de imagem. *Releitura: a ilustração na Literatura Infantil*, Belo Horizonte, n. 0, p. 13, ago./set., 1991. (Especial Pirlimpimpim 2.)
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1985.
- LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- MELO, Chico Homem de. *O design gráfico brasileiro: anos 60*. São Paulo: Cosac Naif, 2008.
- OLIVEIRA, Ieda de (Org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra, o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008a.
- OLIVEIRA, Rui de. *Pelos jardins de Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008c.
- PAIVA, Eduardo França. *Historia e imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- THOMPSON, Colin. *Como viver para sempre*. Tradução Gilda de Aquino. 2. ed. São Paulo: Brinque-Book, 2006.
- YUNES, Eliana; PONDE, Glória. *Leituras e leituras da literatura infantil*. 2. ed. São Paulo: FTD, 1989.
- WALTY, Ivete; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda. *Palavra e imagem: leituras cruzadas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

### NA INTERNET

- [www.angela-lago.com.br](http://www.angela-lago.com.br)
- [www.dobrasdaleitura.com](http://www.dobrasdaleitura.com)
- [www.nelsoncruzilustrador.blogspot.com](http://www.nelsoncruzilustrador.blogspot.com)
- [www.ricardoazevedo.com.br](http://www.ricardoazevedo.com.br)
- [www.crmariocovas.sp.gov.br/obj\\_a.php?t=infantil01](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/obj_a.php?t=infantil01)
- <http://ruideoliveira.blogspot.com.br>
- [www.ruideoliveira.com.br/pt-br/](http://www.ruideoliveira.com.br/pt-br/)

### NOS FILMES

- Eva Furnari
- <http://www.youtube.com/watch?v=zjyI5bc6Pn4>
- Rui de Oliveira
- <http://www.youtube.com/watch?v=HU44j6vzgI8>
- Fernando Vilela
- <http://www.youtube.com/watch?v=32PMKUQ14Fk>
- Flávio Fargas
- <http://www.youtube.com/watch?v=cnTN5mNYc0Y>
- Série Ilustradores - Quinho
- <http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=913gwccg20k&feature=endscreen>





## CRÉDITOS

Presidenta da República  
DILMA VANA ROUSSEFF

Ministra da Cultura  
MARTA SUPLICY

Presidente da Fundação Biblioteca  
Nacional  
GALENO AMORIM

Diretora Executiva  
MARISTELA RANGEL

Coordenadora da Biblioteca  
Demonstrativa Maria da Conceição  
Moreira Salles  
RITA DA ROCHA LEMOS

### Curadoria

Bernadette Maria Nogueira Batista Strauss  
Marina de Lima Rabelo

### Projeto e produção

Bernadette Maria Nogueira Batista Strauss

### Pesquisa

Ana Maria da Costa Souza  
Bernadette Maria Nogueira Batista Strauss  
Marina de Lima Rabelo

### Textos

Ana Maria da Costa Souza  
Marina de Lima Rabelo

### Divulgação

Anna Paula Ayres Seabra  
Patrícia Fernanda Monturil Silva Alves

## AGRADECIMENTOS

Carlos Araújo  
Fernando Lopes  
Íris Borges Lima  
Jô Oliveira  
Ludmila Lima  
Renato Alarcão  
Romont Willy  
Reinaldo Guedes Machado



MINISTÉRIO DA CULTURA  
Fundação BIBLIOTECA NACIONAL



Biblioteca Demonstrativa  
Maria da Conceição Moreira Salles



## Brasília

A trajetória da ilustração em Brasília pelos nomes de Carlos Araújo, Fernando Lopes, João Oliveira, Luda Lima e Romont Willy.



 **Biblioteca  
DEMONSTRATIVA**  
Maria da Conceição Moreira Salles



## Exposição Mês do Livro: Ilustração: a arte nos livros

*Ilustração*  
a arte nos livros

**Abertura** 15 de abril - 19h30

**Mesa com ilustradores** 19 de abril - 12h30

**Lançamento de livro** 20 de abril - 19h

**Período** 16 de abril a 29 de junho de 2013

**Horário** 2ª a 6ª, das 7h30 às 23h  
sábado, das 8h às 14h

**Endereço** Av. W3 Sul EQS 506/507  
CEP 70350-580

**Informações** (61)3244-3015 (61)3244-4015  
[www.bdb.org.br](http://www.bdb.org.br)  
<http://www.facebook.com/demonstrativa>



Fundação BIBLIOTECA NACIONAL  
MINISTÉRIO DA CULTURA